TEIXEIRA DE PASCOAES

AS SOMBRAS

(2.ª EDIÇÃO)

PORTO
1920

A Fernando Pessôa
meu ilustre camarada e amigo,
lembrança de
Teixeira de Pascoaes

AS SOMBRAS

Segundas edições publicadas

Sempre
Terra Prohibida
Arte de ser Portuguez
Marános
As Sombras

TEIXEIRA DE PASCOAES

AS SOMBRAS

(2.ª EDIÇÃO)

1920
TIP. 'PORTO MEDICO,,
PORTO

A UMA ARVORE E A MINHA IRMÃ MARIA

Recebe em tuas folhas, árvor triste,
Este livro de nevoa . . . Ei-lo que sobe
N'um fumo vago e palido, onde existe
O segredo da Luz e da Penumbra.
Ei-lo subindo em êrmos nevoeiros,
D'este meu coração, profundo rio
Que deslisa, somnambulo, entre outeiros
De materia que sofre, sonha e reza . . .
E se derrama, em fórmas espectraes,
Aérias e ondulantes, nos teus ramos
Que se molham de dôr e abrazam d'ais
E tem chôros de prata e risos de oiro . . .
E de gotas acêsas ficarás
Toda estrelada ao sol; e cada estrela
Contar-te-ha baixinho a sua origem
De nuvem que é phantasma de donzela
Deslumbrado, pairando á flôr da aurora . . .

E o momento em que um ar de fria magua,
Mal a beijou, logo a encarnou, tornando-a
De espirito de nevoa em corpo d'agua.

E tu, que és um desejo com raizes,
Um sonho em flôr da terra com folhagens,
Ouvirás o que diz a estrela clara
No silencio falante das Paisagens.
E, n'um doirado encanto, has de ficar,
Sentindo-te abrazada n'esse fogo
Que arde no orvalho, e o queima e faz voar
Em branca cinza esparsa e humedecida...

O' árvor, lê meu livro quando a noite,
Com seus dedos de sombra, vem abrir
Os teus olhos longinquos, embebidos
Na luz que, dentro em ti, se vê luzir;
Misterioso espirito velado,
Intimo resplendor que tudo anima
E deixa todo o espaço constelado
E a luz do nosso olhar desfeita em lagrimas.
E verás que este livro é bem distante
Do coração dos homens, e bem perto
De tua negra sombra irradiante;
Mansa, inerte penumbra vegetal,
Descendente da sombra dos rochedos
E mãe da sombra vã que projectamos;

E onde estás mais presente e clara e viva
Do que em teu rude tronco e brandos ramos.

E verás que este livro é teu irmão
E da terra onde sugas fortaleza
E da nevoa onde mamas a verdura,
A indecisão e a palida tristeza;
E do grande silencio que em teus labios,
Reza a sua chimerica harmonia
De rumores confusos — e da noite
Que em teus olhos de bruma, é luz do dia!

E tu és para uma árvor, minha irmã,
O que ela é para a terra...
És primitivo,
Rugoso, duro tronco que a ternura
Mudou em corpo esvelto e brando e vivo.
São tuas louras tranças verdes ramos;
E em ti, a nevoa rôxa do sol-pôr,
O murmurio do vento, o doce orvalho,
É mistica oração, é sonho e dôr...
E o que n'um ramo é trémula avesinha,
Em tua face é riso, tão disperso
E tão vago, que apenas se adivinha
A penumbra que o riso em nós projecta.
E o gesto das ramagens que se elevam,
N'uma oração, á viva luz sensivel,

Em ti, é poetica emoção divina
Ante o Incorporeo, o Espirito, o Invisivel.

És o sonho infinito, a voz, o vôo,
Das arvores: o mundo que além d'elas
Existe, como Deus alêm de ti;
E como além da terra e das estrelas,
Dos cometas e vagas nebulosas
(Luz somnambula, esparsa; luz dormente)
A Sombra originaria, concentrando
E irradiando a Vida eternamente!

E por isso, recebe estes meus versos
Nocturnos porque, ás vezes, n'eles passa
A sombra eterna e universal de Deus.
Que tua luz d'irmã e tua graça
Os toquem, de maneira que eles sejam
Nevoa d'ante-manhã molhada em oiro!
E que as almas que sonham e lampejam
No corpo escuro e vivo d'este livro,
Projectem sobre mim a sua noite
E sobre ti projectem sua luz:
Noite que é o vulto tragico de Pan,
Dia que é a dôr sagrada de Jesus.

VENTO DO ESPIRITO

Senti passar um vento mysterioso,
N'um torvelinho cosmico e profundo.
E me levou nos braços; e ancioso
Eu fui; e vi o Espirito do Mundo.

Todas as cousas êrmas que envolviam
O meu rosto n'um triste olhar nascente,
N'uma lagrima ainda, não sentiam
Aquele vento forte que sómente

Meu coração crispava! Ó vento etéreo,
Vento de Exaltação e Profecia!
Vento que sopra em ondas de mysterio
E que só meu espirito arripia!

Vento estranho passando, sem tocar
Na mais tenrinha flôr, e assim agita
Meu coração, em chamas, a exhalar
Luz de Deus, luz d'amor, luz infinita!

Vento que só encontras resistencia
N'uma sombra invisivel; um rochedo,
Uma árvor para ti, é vaga essencia
E eu é que sou, mysterio! um arvoredo!

E d'encontro á minh'alma, grande vento,
Bates com força; e um borborinho forte
A envolve, arrasta e leva, n'um momento;
E vae de vida em vida e morte em morte.

Vento que me levou nem sei por onde;
Mas sei que fui; e ao pé de mim, bem perto,
Vi, face a face, a nevoa a arder que esconde
O phantasma de Deus sobre o deserto!

E vi tambem a luz indefinida
Que em meu peito se fez, enaltecendo
Meu coração que vôa alêm da vida,
O seu peso de lagrimas perdendo.

E aquele grande vento perturbou
Minha existencia calma; e dôr antiga
Meu corpo rude e fragil trespassou,
Como a chuva uns andrajos de mendiga.

E fui n'um grande vento; e fui; e vi:
Vi a Sombra da Vida. E alvoroçado,
Deitei-me áquela sombra, e em mim, senti
A terra em flôr e o céo todo estrelado.

E vi a Luz e a Noite; a Paz e a Guerra.
E vi dar flôr e fruto a negra cruz.
Vi a terra no céo e o céo na terra
E o olhar de Pan nos olhos de Jesus.

E os rios da Tristeza e da Alegria,
Ao pé de mim, sonhavam... e um disperso,
Vago nevoeiro astral d'eles subia:
E fui; e vi o Espectro do Universo.

A SOMBRA DO PASSADO

Eis-me, graças á Vida, uma vez mais
No vale onde nasci, á sombra amiga
D'estas velhinhas arvores espectraes,
Minhas irmãs em Deus...
Velhinhas arvores,
Desgrenhadas de dôr, ao vento agreste...
Arvor's todas de branco, em noite branca,
Vestidas de ternura e amôr celeste...
Quantas vezes, na aurora, as surprehendo
De joelhos, rezando aos passarinhos;
Almas de luz cantando na amplidão,
Aladas divindades que as florestas
Vêm atravez de palida emoção...

Ó arvores velhinhas! Creaturas
Que á negra e funda terra estaes pregadas,
Como a dôr ao meu corpo e a luz á treva
E aos meus olhos as lagrimas salgadas!

Ó arvores velhinhas! Que piedade
Tenho de vós, ó arvor's! se sois feitas
Da minha escura e vã fragilidade,
Do mesmo barro túmido de lagrimas,
Da mesma dôr, miseria, sonho e morte;
Do mesmo pó e cinza que eu derramo
E que, um dia, uma estrela ao apagar-se,
Por acaso, deixou...
Como eu vos amo,
Ó arvores velhinhas, que sofreis
Essa ironia em flôr da Primavera,
Igneos sorrisos vivos e crueis
Que vos mordem a pele enegrecida!
E mostraes, como as Santas, o avental
A trasbordar de fructos e de flôres,
Aos tristes pobresinhos d'este val
De suspiros, de fomes e de sêdes...

Sou como vós, ó arvores! A sonhar,
Desço aos seios da Noite, a vêr se encontro
Algum veio de luz onde matar
Esta sêde infinita que me mata!
Tambem vós procuraes com as raizes,
Nas entranhas da terra, a agua virgem...
E tanto se abre a terra aos vossos beijos,
Que ela vos mostra a sua antiga origem;
A antiga sombra mãe que a concebêra

E se infiltra nos caules e ramagens...
E fluidica e triste d'eles cáe,
N'uma chuva espectral, sobre as paisagens.

Ai, tendes fome e sêdes! Assim eu
Tenho sêde de luz. Vosso perfume,
Por mais leve e subtil, inunda o céo:
Assim meu coração que se dispersa
Em perfume d'amor; assim meus olhos
Se dilatam em lagrima aureoral,
Em lagrima que invade a Creação,
Como o antigo Diluvio universal!
De maneira que toda a Natureza
Reflecte no Infinito a minha dôr,
Minha alegria e palida tristeza.
E Deus sabe, portanto, que eu existo;
Que tenho, em meu Parnaso, a minha cruz:
Eu — o homem e o poeta; a negra sombra
Feita de toda a sombra; a clara luz
Feita de toda a luz; — o corpo fragil
Onde é lagrima a agua, o luar saudade
E todo o mundo é funebre agonia!
— Alma eterna onde são todas as almas
Exaltação, Visão e Profecia!

Eis-me outra vez na terra onde nasci;
Sagrada e tôsca terra primitiva,

Bôa terra fecunda, que eu bem sinto
Formar meu corpo, minha carne viva!
Terra que vem cobrir como uma tunica,
Meus ossos que são feitos de saudades...
E nas campinas desabrocha em flôres
E em mim se altera em doidas anciedades!
Terra viva e sensivel que á tardinha,
Como nós, entristece... e fica a ouvir
A voz da escuridão... mas ao tocar-lhe
Um soluço de fonte, é lyrio a abrir.
Mãe de almas e phantasmas... Terra Santa;
Terra de outomno e misticas donzelas,
Onde eu, arvore humana, criei raizes
E ramagens que tocam nas estrelas...

Ó meu humus genesico e fecundo!
Minha terra d'Origem e Principio!
Ó terra ébria de sombra! Ó novo mundo,
Com estranhos relampagos febris
Que lampejam e morrem, n'um instante;
Permitindo-nos vêr, por entre nuvens,
Seu intimo perfil, ainda hesitante,
Moldado ainda em fumos e penumbras...
Vaga e fluidica terra assemelhando
O marmore invisivel, onde nós,
Sofrendo, meditando e trabalhando,
Esculpimos tristezas e anciedades...

E vejo a minha fonte mais sequinha,
Do que uma flôr no outono! Que *nordeste*
Gelado-te queimou! Que dôr a tua?
Porque foi que secaste e assim perdeste
A alegria da agua? Porque foi?
Ah, quando o luar romantico, em segredo,
Te apertava nos braços... e fugia,
Do silencio da noite que faz medo,
Para o teu verde coração divino,
Logo em nuvem subias... e eras sonho.
E lagrima depois, e pequenino
Astro, onde o sol imenso se entranhava!

Mas chamava-te Deus! E bem se via
Que por um fiosinho d'agua apenas
Estavas presa ao mundo!
O' companhia
Sagrada d'uma fonte, quão depressa
Te desfizeste, sim!
N'um dia triste,
As azas, para sempre, alevantaste!
E nunca mais te ouvi cantar ao sol,
Áquele belo sol que tanto amaste!
E nunca mais te ouvi quando a penumbra
No liquido horisonte da tua bôca
Fazia anoitecer aquela voz
Das aguas que os espiritos invoca

E em nuvens se percute no Infinito ...
E nunca mais te ouvi cantar na Treva,
Quando o silencio e as sombras misteriosas
E a bruma, (mãe sublime que se eleva,
Amamentando os vales e os outeiros)
Davam um ar d'espirito profundo
A' tua voz que parecia erguer-se
Das entranhas da terra ou d'alêm-mundo!

E tuas aguas pálidas lembravam,
Na marmorea frieza do luar,
O corpo d'uma Ninfa que morrera
Como uma freira mistica, a rezar ...

Com que ternura a tua voz, á noite,
Ao silencio se unia! Nem sequer,
De mansinho, o acordava d'aquele extase
De branca nevoa, á luz do amanhecer,
Pairando no alto Azul esplendoroso,
Toda molhada em oiro ...
Ele que treme
E desperta e abre os olhos, ancioso,
Ao mais brando murmurio, e que se afoga
Na onda mais baixinha e transparente
Do mais leve ruido ... se te ouvia
Cantar, não despertava e mais dormente,
Extatico e profundo se tornava!

E nunca mais te ouvi ! Mas tenho ainda
A sombra d'essa voz nos meus ouvidos !
E a sombra da tua agua em frias lagrimas
Aljofra, ao luar, meus labios resequidos
E a terra dos meus sonhos enverdece.

Phantasma! O' fonte-espirito, onde vae
A minha alma beber para cantar,
Sombra que nasce e corpo que se esváe!
E bebe ! E gosta assim de saciar-se
N'essa fonte invisivel mais chimérica
Do que a bruma da tarde a levantar-se
Dos recantos escuros e scismaticos . . .
E, ébria, entontecida de crepusculo
E possessa do Espirito Sombrio,
Ei-la a cantar a Luz sombriamente,
E lembra branca nevoa em negro rio.

E vejo, por encanto, os que eu amei
E partiram da vida . . .
Ei-los que surgem
Da bruma em que, scismando, me afundei.
E falam-me dos longes macerados,
Da cerração da noite, onde se abrumam
Todas as fórmas mortas e desfeitas . . .
Lá, onde minhas lagrimas se esfumam
Em tenues, rôxas nuvens misteriosas.

E n'uma voz aos ventos tremulando,
Falam-me do Longinquo, onde murmura
A fonte do meu sêr que foi chorando
Até formar a onda que hoje sou.

Ainda te ouço latir, meu velho Nilo!
A tua voz ainda comove e abala
Todo esse fundo abismo do Passado!
E, livido perfume que se exhala,
Alcança meus ouvidos e os inunda
De terra, cinza e poeira de harmonia;
Cinza, poeira fertil e fecunda
Que levanta, ao andar, minha saudade!

Era já noite. Os ventos clamoravam,
E ladravas lá fóra. A quê? Mistério...
A sombras invisiveis que passavam
E a vozes e ruidos que só tu
Eras capaz de ouvir!
O' cão lunatico!
O' Bruxo que latias ao luar
Que se infiltrava, pálido, em tua alma
E, dentro em ti, se punha a uivar, a uivar!
E, n'um deslumbramento interior,
Tu latias... falavas aos espiritos
Que dançavam, na sombra, em derredor
De teus olhos abertos com espanto...

Espiritos que o sol envolve em fórmas
Terrenas, materiais; e a noite escura,
A noite sibilina, a noite magica
Os liberta, descarna e transfigura.
E ébrio d'almas, latias... e falavas...
(Erravam no ar Demonios, Borborinhos...)
E latias confusa e vagamente,
Como falam os Bruxos e Adivinhos.
E no silencio abriam teus latidos
Largas fendas de som que se fechavam,
Sepultando murmurios e ruidos
E rumores e vozes e sussurros...

Na minha clara edade (acaso d'ela
Te lembras?) eras velho... Hoje decerto,
Como a *Cabra Maltéa,* és uma estrêla
E é luz astral o gesto da tua cauda...
E has de ladrar no céo e arremeter,
Em impetos de furia heroica e brava,
Contra o *Dragão* que ameaça furibundo,
Hercules manejando a enorme *Clava!*
E has de ladrar ao *Taurus* que, brilhando,
Pela campina etérea corre e salta
E muge e escarva o chão, alevantando
A poeira que fórma a *Via-Lactea!*

E tu, meu pobre amigo, que ás golfadas,

Déste teu sangue e suor á nossa quinta,
E tão cêdo morreste ! em magoadas,
Cinzentas noites de luar e nevoa,
Ha nocturnos viandantes que te encontram
Como tu fôste em vida pobresinha . . .
E arripiados d'um panico instinctivo,
Ainda te ouvem cavar na nossa vinha !
E um borborinho aligero perpassa
No ceu confuso e pálido . . . agoirenta
Coruja bate as azas e esvoaça ;
As folhas mortas tombam das ramagens . . .
E os descarnados troncos erigidos,
No silencio da noite que fluctua,
Recolhem-se de medo ao negro seio
Da sombra que, a seus pés, desenha a lua.

Phantasma feito de ar ! O' fórma aérea,
Como é que esses teus braços espectraes
Podem suster a enxada que é materia
E pêso bruto e lagrimas e dôr ?
Teus braços de ilusão e de aparencia
Hão de vergar, ceder . . . assim outrora,
Por pouco Eneias afundou a barca
Que sulca o rio livido que chora.
Mas tens presença ainda... E quem me déra
Vêr o laço terrivel e fecundo
Que prende a clara Vida á Morte escura

E os phantasmas á terra d'este mundo
E ás penumbras do outono e á luz dorida
Da lua que branqueia os êrmos tumulos;
Unica luz que evoca e chama á vida
Todas as sombras pálidas da noite.

E vejo minha Avó atarefada
Desde o corar do dia. Vejo-a á tarde,
Ante uma cruz de Christo ajoelhada,
Pedindo a Deus por nós... E vejo-a sempre
No *terreiro pequeno,* junto á fonte.
Vejo-a no lar, á meza e no jardim;
Na antiga *preguiceira,* a fiar na roca
E os seus olhos de Santa sobre mim...
E vejo-a em luz eterna, como d'antes
A vi em fragil corpo. Ainda hoje escuto
A sua voz de prece e de luar...
Vejo-lhe as mãos rugosas como um fructo
Já perfeito e maduro, ha muito tempo,
Para a meza sagrada do Senhor...
Vejo o seu ar de graça e beatitude
Já fóra d'este mundo e d'este amôr!

O' ar divino! O' graça redentora!
Luz que tudo doirava! O' ar de graça,
Cada vez mais perfeito e mais na aurora,
Conforme te afundavas no crepusculo!

Vejo-te ainda rôxa como um lirio
Sequinho, sobre as tabuas do caixão . . .
E no teu rôsto livido pairava
Teu riso, luz de espirito e oração . . .
Ai, se eu pudesse traduzir em verso
Esse riso, essa luz, essa harmonia?
Ai, se eu pudesse condensar em marmore
Essa onda misteriosa que afluia
Aos teus labios e em riso se espalhava?
Se em extase de pedra o eternisasse?
E em corpo eterno e forma sempiterna
De sempiterna estatua ele ficasse?

Ai, das claras imagens amorosas
Que tocarem meus olhos! ~~Ficam~~ logo
Em ~~estatuas~~ de marmore convertidas
Com entranhas de lagrimas e fogo!
Ai do saudoso olhar que me deslumbra
E aos meus olhos baixou! Jamais, jamais,
Encontrará descanso de penumbra
Ou nocturno socego repousado!

E descubro a montanha que se eleva,
N'um impeto de terra e fragaredos . . .
Mas nos longos invernos, quando neva,
Parece concentrar-se em oração . . .
E ha rochas afundadas em alvuras . . .

Claras fontes de gêlo, empedernidas
Como as fontes das brancas esculturas
Que deitam ondas palidas de marmore.

O' serra das divinas madrugadas,
Das estrelas, das nuvens e do vento
E das aguias enormes, chamuscadas
De chegarem tão proximas do sol!
O' tragico Marão! O' serra esfingica
De muda, triste e austera face humana,
Com a cauda ondeante sobre o Minho
E as garras sobre a terra transmontana!

E vejo, sim, n'um lusco-fusco animico,
(Êrma nevoa espectral toldando o céo)
Os velhos castanheiros que tombaram
N'um estrondo que a terra estremeceu!
E o pó, d'aquele abalo estremunhado,
Fugiu, voando! E assim as avesinhas,
Ante essa quéda horrivel que deixou
Em sobresalto as arvores visinhas!

O' antigos e mortos castanheiros,
Ainda vos vejo em fórmas espectraes...
Souto de sombra e tristes nevoeiros,
Que surges ao luar, e rumorejas!...
O' arvor's a pairar longinquamente,

Abrindo, no ar, os ramos com folhagem;
Êrmos phantasmas vegetaes que ainda
Encheis de negros vultos a paizagem...
Troncos de nevoa, aos ventos, ondulando,
Que me dão fructo e flôr e reverdecem
E penetram o chão, n'ele sugando
Aguas de sombra e seivas de crepusculo.
O' ramagens phantasticas, que um vento
De misterio perturba! O' folhas sêcas
Que voaes pelo escuro Firmamento
E sois almas da Noite e luzes tristes...
O' floresta espectral, confusa e densa!
O' floresta espectral que, á luz das trevas,
Nasces da nevoa irreal que se condensa
Em corpos de ilusão e de penumbra...
N'essas fórmas ocultas que revestem
As almas do Outro-Mundo, á luz funerea
Da lua branca e morta, quando sobem
A' superficie triste da Materia...
E, de noite, apareces-me, ó floresta,
Cheia de vozes... e um murmurio fundo
De tôrvo borborinho, rasga os ares,
Arripiando as arvores d'este mundo...
E apareces na nevoa, ao luar nascente,
Rumorejas e ondulas... e qual aza,
Elevas-te no ar, confusamente
E sombras de aves mortas esvoaçam.

E os teus ramos, que um triste luar alaga,
Alcançam as estrelas, onde bebem
Essa luz que de tão longinqua e vaga,
É já uma luz morta d'além-mundo . . .

O' velhas creaturas bem amadas
Já sepultas na eterna escuridão,
Vinde a mim ! Vinde a mim ! Nunca deixeis
De povoar a minha solidão !
Comigo divagae por estes êrmos,
Onde ao menos eu sinto, meus Avós,
Esta alegria imensa de me vêr
Quasi phantasma e sombra como vós !

Eis-me outra vez aqui, na minha terra
Que já me trouxe ao colo e me cantou,
Para eu adormecer, altas canções
Que nem o proprio tempo dissipou . . .
Eram vozes de luz e cantos d'ave,
Brandos murmurios d'agua e de folhagem
E rumores distantes que toldavam
De etéreos sons brumosos a Paizagem . . .
Todo este céo chimerico, impalpavel,
Onde todas as fórmas vão gravar-se
Ou sejam de visão ou de rochedo
Ou de corpo de nevoa a alevantar-se.

Tu fôste a minha ama; e quanta vez,
Nos teus peitos de terra, êrma Paizagem,
Mamei com fome o leite que me fez
Poeta e irmão das aguas e das pedras.
Quanto te devo a ti, e ás tuas arvores!
E ao sol que te fecunda e aos cordeirinhos
Que pastam pela encosta dos outeiros
E trepam pelas bordas dos caminhos...
E andam em altos sitios escabrosos,
Por ingremes penedos e ravinas,
Olhando com seus olhos religiosos,
Cousas que apenas vemos em espirito...
E que tristeza os toma e infinda dôr,
Melancolia ideal, crepuscular,
Á tarde, quando a estrela do pastor
Surge, trazendo a Noite e os seus misterios...

Minha velhinha casa entre o arvoredo,
Que o nevoeiro esbate em fórmas vagas,
Rectas de bruma e curvas de segredo
E diluidos angulos de sombra...

Minha velhinha casa abandonada
E triste quando o sol lhe diz adeus!
E, na ascenção da lua aureolada,
Phantastica se torna e transfigura...
E me contempla e fala...

Misteriosa

Casa, onde tu, ó sombra minha, esvoaças!
E entremostrando vaes teu esqueleto
De pedra e teus postigos sem vidraças...
Negros, fundos buracos que parecem
Esse olhar das caveiras, insondavel
E sempre fixo em nós, com a insistencia
Da quietação, da inercia imperturbavel...

Velha casa que o sol aquece e doira;
E o luar lhe sopra, em tardes outonaes,
Espirito e penumbra que o diluem
Em êrmos, vagas fórmas espectraes...

Velhinha casa! O' portas oscilando,
Desconjuntadas já das mãos do vento,
E amolecidas do contacto brando
Dos longos dedos humidos da chuva.
Tristes ruinas que a Volupia faz!
A volupia do Tempo sensual
Que tudo abraça e beija e tudo funde
Em seu peito chimerico e espectral...
Para que tudo, em novo sentimento,
Em novo amor mais alto e mais profundo,
Em alegria nova e nova dôr,
Para outra vida, surja em outro mundo!

Velhinho pateo a olhar para o Nascente,
Tal como um templo celta, onde as ortigas,
N'um impeto de vida inconsciente,
Nascem da propria pedra que, apesar
De ter sido cortada e trabalhada
Pelo ferro que a morde e esterelisa
E a deixa, tanta vez, incendiada,
Conserva no seu peito claras seivas;
Intimas, fundas seivas virginaes
Que o sol comove e aquece, até que afloram
Em brandas, tenras hastes vegetaes:
Almas de aroma e corpos de verdura...
E são a propria pedra enternecida,
Vergando sob o pêso d'uma abelha...
E um zumbido a perturba... e, enlouquecida,
Estremece se um ai, um sôpro a beija!

O' minha santa casa, entre o arvoredo!
O' lagrima com salas e janelas
E escadas, onde eu ouço, por encanto,
Os passos da Saudade, que ás estrelas
E ás vagas Nebulosas se dirigem,
Dando mais luz aos astros do Infinito,
E dando assim mais agua pura e virgem
Aos meus olhos e ás nuvens do Senhor.

Minha velhinha casa com varandas

Que a noite desfalece e o sol aviva,
Onde, á tarde, tão branca, se debruça
Minha tristeza ideal, contemplativa...
Esta tristeza que é meu proprio espirito
Irradiando de mim e penetrando
De sentimento humano o ceu e a terra;
Amor que tudo vae anuviando...

Meu perturbado lar nos frios mezes,
Quando o vento acordava as tuas cinzas,
Como um perfil, um gesto, muitas vezes,
Uma velha saudade acorda em nós...
Quando a chuva batia na vidraça,
Como nos nossos olhos nossas lagrimas
Que tombam d'alta nuvem que esvoaça
Atravez a amplidão do nosso sêr.
E minha Avó rezava e mais vento,
De brancas mãos asceticas erguidas
Como o fogo que ardia; e de cinzento
Cabelo como o fumo; e como um lar,
Em volta, derramava tal carinho,
Uma tal simpatia e luz e graça,
Que nós todos rezavamos baixinho,
Sem saber, alheados e scismaticos...
E uma chuva meuda, sob o peso
Que faz cair as lagrimas, caía...
E ouvia-se, lá fóra, a sonhar alto

O vento... e, ás vezes, praguejava e ria!
E voavam môchos lugubres, carpindo
Tragedias; e no negro do Silencio
E no rosto das sombras espargindo
Algida e triste palidez de lua...
E todos nós, em roda da fogueira,
Tão pertinho do céo, longe do mundo,
Sob bençãos e luz, nos concentrávamos
N'um vago, aéreo meditar profundo...

O' minha antiga casa, certa noite,
Bati á tua porta; mas em vão!
Estavas triste e só! Bati, bati,
Como bate em meu peito o coração!
E sinistras pancadas, de repente,
Ecoaram em tuas salas inundadas
De sombra e de silencio! E novamente
Bati, bati, bati! Ninguem falou!
E eu olhei para mim: vi-me sósinho
N'aquela noite morta, sem estrelas.
E era um rosto confuso minha casa,
Com seus traços de portas e janelas...
E fórmas alvejantes, mysteriosas,
Pairavam na penumbra e murmuravam...
Cá fóra, o luar chovia sobre as cousas
Concentradas n'um extase infinito!
E as sombras do arvoredo eram tão nitidas

E negras sobre a terra, a congelar
Em tão intensa e fria palidez
Que as pedras se sentiam desmaiar!
E olhei os altos céos; e vi absorto,
Além, a branca lua merencoria
Assemelhando um sol... um sol já morto
Que na sombra surgiu como um phantasma...
E de novo bati; chamei, chamei.
E as pancadas sinistras abalaram
As sombras e o silencio que, lá dentro,
Em subita desordem, acordaram!
Vi sombras que fugiam n'um convulso
Tremulo bater d'azas! E o silencio
Passou por mim, fugindo... e no meu pulso,
Houve incendios e gélidos desmaios!
E as sombras e o silencio se perderam
E o luar, por fim, tambem... E os altos céos,
E tudo se afundou n'um mar de nevoas,
E, rosto a rosto, me encontrei com Deus!

O' minha antiga casa, pelo inverno,
Se o vento geme, á noite, nos beiraes
E a chuva nas vidraças que estremecem,
Quantas maguas, suspiros, frios ais,
Pairam no ar escuro do meu quarto,
Como espectros de sons mysteriosos...

E se debruçam palidos, gelados,
Nos meus fundos ouvidos anciosos...
E descem brandamente... vão descendo
(Phantasticas imagens a falar!)
Sobre o meu coração que se perturba
E em alvoroço bate e quer cantar!
Que intimidade entre ele existirá
E tudo o que de sombra, espectro e nevoa
Paira nas cousas lugubres onde ha
Vozes que ele imagina e compreende...
Pois entre a minha vida e as outras vidas,
Vejo perpetua sombra que me torna
Todas as fórmas vagas, diluidas
Em distancias de morte, cinza e bruma...

Uma arvore é um phantasma! O lyrio aberto
Um fumo a erguer-se em haste... a propria rocha,
Por mais tôsca e real, vista de perto,
E' nevoa que se perde... E nós que somos?
Nosso perfil é triste nevoeiro
Que se esvae, de repente! O nosso amor,
Tudo o que de mais fundo e verdadeiro
E claro em nós existe... é noite ainda!
Ah, cada cousa ou sêr é sombra vaga,
Ondulando no tempo e mais no espaço...
Um esboço de vida que se apaga,
Mal se acende; uma voz, um grito, um gesto...

O sol é subita expressão de riso ;
A treva um fechar d'olhos instantaneo . . .
E um sentimento incerto, ainda indeciso
Da alma universal, a alma humana.
O dia é noite ainda . . . o nosso espirito
Um brando lusco fusco amanhecente . . .
E o mundo negro chaos, materia informe
E o proprio Deus é ainda adolescente . . .

A SOMBRA DO TAMEGA

Minha santa janela onde eu medito
E digo adeus ao sol e falo ao vento . . .
E saudo a Aurora e leio no Infinito
E sinto, ás vezes, um deslumbramento!

Minha janela aberta sobre um val,
Com arvores sombrias, onde passa
Um rio de aguas mortas, espectral,
Que em suas azas de nuvens esvoaça . . .

E vejo erguer-se o rio cristalino,
Transfigurado em sonho, em nevoeiro . . .
E faz-se eterno espirito divino
Aquele corpo d'agua prisioneiro.

O' lactea emanação! O' nevoa densa!
O' agua aberta em aza! O' agua escura!
Agua dos fundos pégos no ar suspensa,
Vestida, como um Anjo, de brancura!

O' agua negra e morta que te elevas,
Qual phantasma, no Azul que desfalece!
O claro e heroico sol que vence as trevas,
Porque será que, ao vêr-te, empalidece?

O' agua d'além tumulo! Agua morta!
O' agua do Outro Mundo! Aparições
De neblina entre as arvores... Absorta
Paizagem povoada de visões...

E enchendo todo o espaço de esplendores,
De desmaios, de mortes e de maguas,
Diluindo tudo em mysticos alvôres,
Ergue-se a sombra livida das aguas...

Quantas vezes de ti, minha janela,
Eu lhe falo e a interrogo... E com certeza
A tua sombra, ó agua, é irmã d'aquela
Que anda em meu coração, e é tristeza...

Ei-la a pairar na humana solidão
Infinita da Noite, quando as cousas
São chimerica e estranha emanação
De silencios e nevoas mysteriosas...

Ei-la que paira, ouvindo a voz da lua,
E o silencio do espaço, e as anciedades
Das sombras que, na terra branca e nua,
Parecem desenhar profundidades...

Ei-la a pairar nas trevas que em nós deixam,
Nas almas e no céo, na terra inteira,
Os olhos lacrimosos que se fecham
E dão, em vez de luz, cinza e poeira...

Bem mais do que n'este ar que se respira,
Pairas na minha alma... E com teus dedos
De penumbra arrebatas minha lyra,
O' Tamega de sonhos e segredos!

E vaes compondo versos de neblina
Ás arvores, ao monte, á dura fragua...
Elegias d'orvalho á luz divina,
Endeixas de remanso e cantos de agua...

E sobes, a voar... E n'um sombrio
Gesto de aza, percorres as Alturas!
E molhas minha fronte, aéreo rio;
E atravez d'ela sonhas e murmuras...

E a tua agua fluidica se espraia...
E n'um dôce remanso enamorado,
Beijas minha janela que desmaia...
E em teus beijos ha luar e sol doirado.

O' bemdita janela entre as janelas,
Onde fala comigo a luz do luar,
E mais a voz longingua das estrelas
Que traz, em sangue, os pés de tanto andar!

Bemdita sejas tu, ó sempre aberta
Sobre o meu coração e estes outeiros,
E esta noite phantastica e coberta
De espectros, de visões e nevoeiros!

A QUÉDA

Olha a chuva a cair! O' fulminada,
Negra nuvem rebelde!
O' nuvem pobresinha e condenada
A cair, a cair!

Olha uma ave que tomba e se desterra
Para longe... Quem sabe
Se aquelas azas atravez da terra
Hão de voar mais alto!

Olha aquele velhinho e pobre muro,
A esboroar-se quasi...
E as pedras tristes choram seu futuro
De inevitavel quéda!

As fontes choram, sim, porque ser fonte
É cair sem descanço!
Sombra da noite a erguer-se do horisonte,
Marejada de estrelas...

Velha mendiga que se curva e pende,
Sob o pêso do céo!
E pede auxilio á cova que lhe estende
Os seus braços de terra.

Todo o corpo, ao cair, no espaço deixa
Um rastro de agonia!
Tudo o que tomba é aza que se fecha,
Tudo o que cáe é lagrima...

A SOMBRA DO VENTO

É noite; ainda vem longe a madrugada...
Noite negra e sinistra porque é funda,
Qual pégo de agua livida e parada
Que nos causa terror...
O' noite morta,
O' cadaver de treva! O' mãos de gêlo,
Que pousaes sobre o rosto ao viandante,
A' luz, já d'além-céo, do sete-estrêlo,
Sete lagrimas frias do silencio...

No meu quarto estou só; medito e scismo...
E scismo, em quê? Em nevoas, claridades,
Penumbras que se embebem no meu sêr,
Fumos de sobresaltos e saudades...
E um nevoeiro de vozes e rumores,
Diluem-me n'um fundo esquecimento,
E sinto-me abysmar, descer... e sonho...

Subito, acordo. Quem me fala? O vento.

E tão depressa vôa, que meus olhos
Mal o conseguem vêr! O' vento errante,
Para onde vaes assim n'esse delirio,
Para que mundo ausente e céo distante?
Eu quizera saber para onde vaes,
O' êrmo vento, á noite, a clamorar . . .
E de repente, apagas minha luz
E perturbas as cinzas do meu lar!
Nem olhas para mim! Não me conheces!
E lá partes! e nada te demoras,
Espirito febril, phantasma hysterico,
Doido que, ao mesmo tempo, ris e choras!

O' cavaleiro de perfil tão triste,
E de olhos lampejantes que trespassam
Os horisontes negros onde existe
A estatua da Saudade em rôxas nuvens . . .
E andas cheio do pó que os Rocinantes
Levantam, galopando! E desgrenhado
E revolto tu levas o cabelo,
E de mortas folhagens empoado!

O' cavaleiro palido e outonal,
Quantas vezes, em Maio, te desmontas
E te deitas cançado em lindo val,
A' sombra das ramagens que enverdece . . .
E em doce e santa paz, fechas os olhos;

E zumbidos e vôos andam no ar...
E adormeces e sonhas... e mal se ouve
Teu pacifico e lento respirar...
E o perfume das flôres bate as azas
Sobre teu brando rosto adormecido;
Desce na sombra, eleva-se na luz,
Mais denso agora e logo diluido...
E as pobresinhas flôres nunca tiram
Seus olhos dos perfumes que exhalaram;
E onde vão em amor e dôr e sonho,
E nas fórmas em que elas encarnaram...
Pois cada aroma tem o mesmo talhe
Da flôr que o géra e cria em seu amor...
O mesmo luminoso rosto alegre,
O mesmo gesto vivo e viva côr.

A alma é um corpo em fórmas espectraes.
O perfume das rosas é uma rosa,
E o perfume d'um lyrio não é mais
Que um lyrio alado, vago, quasi espirito...
E assim a nossa alma, irradiação,
Perfume vivo, ideal da creatura,
Tem d'ela o mesmo talhe, o mesmo vulto,
A mesma escura ou lucida figura.

Mas, de repente, ó cavaleiro, acordas!

E pões flôres na fronte (lindo enfeite !)
Arrancadas, ó dôr, antes do tempo,
A verdes seios túmidos de leite !
E montas a cavalo ; e, n'um delirio
E n'uma ardente febre sublimada,
Atravez de relampagos que lembram
Esse heroico fulgir da tua espada,
Galopas ! e as florestas se desolam !
Os tôrvos ares tremem ! E das patas
Do teu cavalo, como pó, se evolam
Sombrias, grossas nuvens de tormenta !
E galopas, galopas, doidamente !
Até que emfim, te perdes na floresta
Da Noite que, á luz nova e alvorescente,
Seca, tomando um ar d'outono e morte . . .

O' vento, ó fogo aéreo em que me abrazo !
A gritar nos pinhaes encapelados
De angustia e de terror, como se acaso,
Tu quizesses, ó vento, arrebatá-los
A' terra que os criou e tem por eles
Alto carinho e fundo amor materno !
Nem sabes o que fazes, quando arrancas
E desfolhas as arvores no inverno !
Nem sabes o que fazes ! Quantas maguas
Espalhas pela terra ! E quantas cruzes
Ergues no negro espaço, onde agonisam

Martyrisadas e sangrentas luzes!
Quantas lagrimas tristes e soturnas
Cáem de tuas azas que se agitam
Em anciedades incubas, nocturnas,
N'um alvoroço enorme que recorda
A exaltação prophetica, o delirio
Do poeta a meditar sobre os abysmos,
Sentindo em sua carne a pedra, o lyrio,
As ondas, o deserto, a terra fertil,
O ceu azul, os brancos nevoeiros,
Sombras do Outono e luz das Primaveras;
Os gélidos metaes e a rubra lava
Que escorre, como sangue, das cratéras!

Com que bruta alegria, ó vento louco,
O brando pó inquietas, e arrepelas
Verdes tranças das arvores que a Noite,
Com suas mãos de sombra, enche de estrelas.
E despertas d'um claro somno leve,
O espirito das ondas, que é ternura
E comoção nas brumas e na neve
Frio deslumbramento, alvor mortal...
E como sob um ferro em braza, as ondas
Estorcem-se de dôr; e furiosas
Atiram-se de encontro ás penedias,
Ao longo de êrmas praias arenosas...

O' vento, ó vento, a uivar nas altas gáveas,
Quando o mar delirando atinge os ceus!
E ha soluços de espuma que embranquecem
A noite, sonho turbido de Deus...

Com que prazer as tuas mãos, ó vento,
Espalham os incendios que ao senti-las,
Redobram de furor! e n'um momento,
Se alevantam em caules abrazados!
Altos troncos de fogo dividindo-se,
Convulsos e inundados de suores,
Em ramos crepitantes que se vestem
De purpurinas e brilhantes flôres!
Sois arvores malditas que devoram
As arvores pacificas dos montes
Que nos tristes crepusculos se choram...
E suas brutas garras infernaes
Rubras de raiva acêza, dilaceram
Aquela tenra carne embrandecida,
Que se contorce, e grita, e se mareja
De lagrimas, e cáe desfalecida...

E o vento sopra! E a tragica floresta
Sangrenta, brame e cresce em dura guerra,
N'uma anciedade de ganhar raizes
Em todo o ceu azul e verde terra!

Dir-se-ha que tu, ó vento, comunicas
O teu delirio ao fogo e ao mar profundo!
E tão sublime e estranha é tua voz,
Pairando evocadora sobre o mundo,
Que arrebatas as ondas da maré
E as ondas abrazadas dos incendios
E mais meu coração que tambem é
Um incendio d'amor e um mar de lagrimas!

Eis porque choro e tremo em grande abalo,
Quando bates, de noite, á minha porta,
E corro a abrí-la, e em alta voz te falo!
E uma voz me responde, voz longinqua
Que vem talvez do coração da noite
Ou do meu coração... quem sabe d'onde?
O' voz indefinida! Ignota voz
Que, sempre que interrogo, me responde!
O' voz gerada em labios espectraes!
Labios feitos de nevoa e de crepusculo
Que em segredo e mysterio, me falaes
No silencio da noite e da minh'alma...
O' voz amiga e irmã, que em meus ouvidos
Desmaias como um beijo que arrefece,
E atravez d'estes versos comovidos,
Te repercutes palida e chimerica!
Assim os tôrvos, densos nevoeiros,
Que são echos visiveis das profundas

Aguas das fontes, lagos e ribeiros,
Nas arvores e no ar se repercutem . . .

E fecho a porta á Noite desgraçada;
A' noite negra e livida que existe
N'este meu coração, em alma e corpo,
Em silencio, luar e sombra triste . . .

E quebrando o silencio novamente,
Estranha exaltação, fundo arripio,
Estremecem os céos, onde deslisa
Transfigurado em nuvem, o meu rio . . .
E o vento geme, e bategas de chuva
São brandos fios d'agua . . . e de tal arte
Prendem a terra ao céo! . . . Grilhão de lagrimas
Que o sol, n'um gesto d'alvorada, parte!
As vidraças inundam-se . . . perpassam
Sombras na noite . . . e os vidros marejados
Vestem-se d'ais, murmurios que esvoaçam
Sobre o meu coração, e n'ele pousam . . .
E os ventos, como as aguas, tudo alagam,
Atraz d'eles deixando um rastro escuro
De gritos e gemidos que se apagam . . .
E fico a ouvir phantastica paizagem
Que, além da voz do vento e dos enxurros,
Ante os ouvidos meus se desenrola

Em planicies confusas de sussurros,
Montes de som e vales de silencio . . .

E n'um scismar nocturno me concentro . . .
Sinto que desço . . . fecho os olhos . . . ando . . .
E calco sob os pés estranhas sombras,
Êrmos, fundos abysmos contemplando!
E em declives de brumas e tristezas,
Sinto-me resvalar . . . e vou descendo
Na escuridão das cousas . . . Vou subindo . . .
Vou subindo, voando e compreendendo . . .
Ha desmaios de nevoa . . . A sombra aérea
Do sonho me trespassa e me embriaga
Os sentidos que ao mundo da materia
Se fecham como a tampa d'um sepulchro . . .
E vejo-me infinito e sem edade . . .
E sinto bem meu corpo que se afunda
No silencio da noite . . . e sinto bem
Que sou Noite, Silencio, Alma profunda.

CANÇÃO D'UMA SOMBRA

Ai, se não fosse a nevoa da manhã
E a velhinha janela onde me vou
Debruçar para ouvir a voz das cousas,
Eu não era o que sou.

Se não fosse esta fonte que chorava
E como nós, cantava e que secou . . .
E este sol que eu comungo, de joelhos,
Eu não era o que sou.

Ai, se não fosse este luar que chama
Os espectros á Vida, e se infiltrou,
Como fluido magico, em meu sêr,
Eu não era o que sou.

E se a estrela da tarde não brilhasse ;
E se não fosse o vento que embalou
Meu coração e as nuvens nos seus braços,
Eu não era o que sou.

Ai, se não fosse a noite mysteriosa
Que meus olhos de sombras povoou
E de vozes sombrias meus ouvidos,
Eu não era o que sou.

Sem esta terra funda e fundo rio
Que ergue as azas e sobe em claro vôo ;
Sem estes êrmos montes e arvoredos
Eu não era o que sou.

A MINHA SOMBRA

E vejo minha sombra mysteriosa
Que ora se estende e alonga comovida,
Em gestos indecisos, sobre a terra...

Ora recúa e foge, de medrosa...
E em sua propria carne indefinida
Parece concentrar-se e definir-se.

Dir-se-ha tomada, ás vezes, de loucura...
E negros sulcos abre em luz magoada
Que a mesma luz inunda e logo apaga.

Quantas vezes, se abraça á terra dura;
E fica assim somnambula e parada,
N'um enlevo de nevoa que o sol doira!

E renasce, de subito, e aparece
(Obra de encantamento e de magia!)
Nas aguas que lhe insuflam vida e côr...

De fórma que ela ilude e nos parece
O nosso proprio corpo, á luz do dia,
N'um fundo de aguas mortas encantado...

Ou se torna indecisa, a tremular...
E claridades sobem mysteriosas
De seu remoto seio urdido em luz.

E como fica triste, quando o luar
(Agua de sonho e nevoa) sobre as cousas,
Em movimentos fluidicos, ondula.

Ás vezes, quer falar... e me deslumbra
Voz espectral que os céos empalidece
E as arvores esconde e a luz do sol...

E abre os labios sorrindo... Que penumbra
O seu riso projecta! Até parece
Que é só feita de riso a sombra humana!

E a voz da minha sombra, (n'ela existe
A voz da Morte) alonga-se magoada
Nos vales, como a noite no Infinito...

Dize da tua dôr, ó sombra triste!
O' sombra que ao meu corpo estás pregada,
Com os pés a sangrar e as mãos em sangue!

Tu és a imperfeição de que sou feito;
A noite que o meu vulto solitario
Derrama sobre as cousas porque passa...

E quanto olhar ancioso e insatisfeito,
Deixas na escuridão (negro calvario!)
O' minha pobre sombra, irmã da Morte!

És a lampada escura que ante mim
Caminha, e estes meus passos alumia
Na estrada que vae dar á sepultura.

O' luz do meu Principio e do meu Fim!
Limite da Esperança e da Alegria,
Precipicio onde cáe tudo o que vive!

O' sombra do meu corpo! O' sombra amára!
Madrugada da noite interminavel
Que vem surgindo, palida, da terra...

O' sombra! O' minha vida alegre e clara,
A desdobrar-se em vida miseravel,
Em vida de tristeza e de amargura...

Tu decerto és maldita, e fazes medo!
E ao vêr-te, minha face se descóra,
Como Deus ante a noite primitiva...

Se tu fosses Certeza e não Segredo!
Ai, se este fragil corpo, como a aurora,
Irradiasse luz em vez de treva?

O' minha pobre sombra decaida,
Tu vieste sobre o mundo quando eu vim
E has de baixar comigo ao frio tumulo!

És, como eu sou, nocturna e dolorida!
E serás, sombra triste, para mim
O que todo o Universo é para Deus?

E tens a mesma fórma e natureza
D'este meu corpo; e o segues e acompanhas
E seus gestos e modos reproduzes,

Que em ti palpita e sofre, com certeza,
Sob fórmas chimericas e estranhas,
Este fragil e doido coração...

Ah! sofres como eu sofro! És dôr e amor!
E tudo quanto eu sinto, vaes sentindo
E vaes olhando tudo quanto eu vejo...

Antes fosses a sombra d'uma flôr;
De rosa ou lyrio ou d'árvore espargindo
Oleo santo de vívida frescura...

Ou de nuvem que os céos empalidece,
Ou de aza ou de perfume esvoaçando,
Ou de saudade aberta em nossos olhos;

A triste flôr que apenas reverdece,
Bebendo nossas lagrimas . . . secando
Logo ás primeiras neves da Alegria.

Antes fosses, ó triste sombra minha,
Como a sombra pacifica dos montes;
Sombra profunda e grave que se alonga,

Conforme o sol declina e se avisinha
A noite dos soturnos horizontes,
N'um alvorar de paz e solidão . . .

E mais parece amôr que escuridão . . .

A SOMBRA DA VIDA

Abre os labios, ó Vida, e vem dizer-me
O teu segredo eterno!
O' Sombra cosmica,
Ilumina-te, sim; quero perder-me
Em teu intimo seio misterioso...
Quero-te vêr, ó Vida, rosto a rosto!
Quero tocar tua divina essencia.
Quero-te vêr directamente; e não
Atravez da Mentira e da Aparencia.
Ah, dize-me a palavra derradeira!
Essa palavra magica que tem
Sido um murmurio vago, impercetivel,
Um reflexo de voz, vindo do Além;
Mas vivo, comovido e iluminado
Nos labios dos Prophetas e dos Santos...
E sussurro mechanico e pesado
Na bôca sêca e árida dos Sabios...
E voz de aroma em flôr que desabrocha,
E vagido de nevoa em labios de agua,

E murmurio de musgo em tôsca rocha
E brando som de luz em branda areia . . .
Canção das sete côres nos teus labios,
O' Iris, onde amor divino existe !
Grito febril na bôca a arder do sol
E syncope de voz na lua triste . . .

Eis o que eu disse, um dia, á noite negra
Da Terra ; e a Noite os labios descerrou . . .
E uma sombria voz, em meus ouvidos,
Se fez resplandecente ; e assim falou :

Teu coração ausculta, se desejas
Vêr o esplendor da Essencia eterna e viva
Que na Côr e na Fórma se entranhára,
E n'elas foi ceguinha e foi captiva.
N'elas gritou, chorou com amargura;
Sofreu mortes, degredos e miseria,
Até que, um dia, se viu livre, emfim,
Da escuridão sinistra da Materia!

Olha, contempla o Espirito sombrio
Da Origem ; vê, contempla a Sombra enorme
Que d'alto a baixo se rasgou, tal como
Os negros véos do Templo !
E d'essa informe,
Estranha Sombra cósmica saíu

Onda espectral de luz quasi invisivel ;
Um desmaio que, pouco a pouco, abriu
Seus olhos n'um olhar de Nebulosa.

Perde-te n'essa Nevoa anterior . . .
Primeira creatura que por sua
Vez, se tornou creadora em seu amor :
E ei-la estrela abrazada e mundo gélido !

E a terra vagamente adormecida,
Sob os beijos do sol que a fecundaram,
Mudou-se em verde planta comovida
Que depois se tornou, por um milagre,
Creadora tambem . . .
E as aves vôam
No céo ; e pelas selvas que estremecem,
Sinistros animaes ainda indecisos
E grandes como sombras, aparecem . . .
O sol em furia e raiva, n'eles arde . . .
São deuses monstruosos, sanguinarios,
Que vão criar o homem que, mais tarde,
Será Boudha e Jesus . . .
E estes dois Santos
Deram, por sua vez, divina origem
A Deus, o Sêr perfeito e sempiterno ;
A Vida Espiritual mais alta e virgem,
Para que tende o Homem, sublimando-se.

Sim; criar é viver e amar, sofrendo.
E é mais que o Creador a Creatura.
O primeiro creador é monstro horrendo
E Deus é a creatura derradeira.
E a ultima creatura tem a mesma
Natureza da Sombra anterior...
A Noite do Principio e Deus se casam,
E assim a Vida e a Morte, a Dôr e o Amor.

O Creado tem sempre a sua fonte
Na comoção eterea e transcendente,
No delirio sublime e religioso,
Na exaltação prophetica e vidente
Do Creador que ajoelha, olhos na luz,
Ou seja terra escura ou féra brava,
Ou pedra ou Boudha, ou árvore ou Jesus,
Ou faula de lume ou gôta de agua!

O' corpo para sempre condemnado
A' dôr, á imperfeição!
E todavia,
Continuamente géras o perfeito
Sêr espiritual que se extasia
Em si proprio; e medita, sonha e reza;
E só vê o Infinito e a Eternidade...
E sem fomes, miserias, dôr e morte,
Vive; e é fonte de Vida e de Bondade...

Por isso, o homem creador só pode
Ser perfeito na sua creatura ;
Isto é, em Deus, emanação eterna
E santa do seu vulto de amargura . . .

O sêr imaginario, espiritual,
Existe, sim ; é vivo e verdadeiro :
Tem existencia cosmica e real,
Como o rochedo e o fogo.
E' a Essencia mãe,
A Sombra originaria, a Luz inerte,
Que, depois de encarnar em corpo humano
N'esse corpo se exalta e se converte,
Em sentimento eterno.
O sonho e o amor
São tão reaes que, ás vezes, nos parecem
Tangiveis e palpaveis ; podem vêr-se !
E quasi choram, sim ; quasi entristecem,
N'uma vaga lembrança do que foram . . .

Ah ! o Espirito existe . . . existe e vive !
E tudo o que o Espirito criou,
Quer em sua alegria ou dôr amarga,
Na terra e céo, extatico, ficou !

E Pan eternamente nos deslumbra !
E ha de cantar o Amor, a Dôr, a Vida,

Nos bosques, sob a chuva da Penumbra;
Pelos outeiros verdes, onde o sol
Se casa com as fontes murmurosas!
E Venus, para sempre, em alegria,
Ha-de viver e confundir seu riso
Com as lagrimas santas de Maria!
E Christo não morreu; ei-lo inda em carne
E sangue sobre a Cruz, como no instante
Em que nas mãos do Pae rendeu a alma
E o céo se fez nocturno e trovejante!
Ah! vêde os altos cêrros do Calvario!
A multidão escura e o negro espaço!
E ameaçando o mundo, o vento vário
Com sua clava herculea de relampagos!
Ah! vêde as brutas rochas que estremecem
E, ao longe, o mar em lagrimas de dôr!
E os mortos acordados e espantados
E os sepulcros abertos com fragor!
Ah! vêde a Mãe na sombra (Estrela d'Alva
De luto e de joelhos!) Vêde o Filho!
E' sempiterna aquela dôr que salva,
Como a alegria universal de Pan!
E as Nymphas não morreram! Quantas vezes,
Nos momentos de Graça, as surprehendo
Em nossos êrmos vales portuguezes,
Nos longes de verdura e de crepusculo!
Ouço-as cantar nas claras fontes vivas!

Chorar nas fontes sêcas, tristemente ...
Pobres fontes que deitam, em vez de agua,
Aridez e poeira e sêde ardente!
E tu, Santo da minha devoção,
O' martyr D. Quixote, és sempiterno;
E teu escudo e lança e coração!
E em teu cómico e magro Rocinante,
Entre chufas, escarneos e maldades,
Como uma luz sósinha, sobre a terra,
Vaguearás, para sempre, alto e divino
E triste, contra o Mal em santa guerra!
Victor Hugo foi homem? João Valjean
E' homem sempiterno. Shakespeare
Foi homem? Olha Ophelia: é mais irmã
De tua propria alma e sentimento;
Vive mais em teu peito enamorado,
Em tua carne e sangue e nos teus olhos;
Bem mais perto de ti, mais ao teu lado,
Do que a propria mulher que tu amaste!

E sempre cada nova creatura,
Vida que d'outras vidas resultou,
E' mais perfeita ainda e verdadeira
Do que o sêr anterior que a fecundou.
Uma ave inda é mais viva do que a terra;
E o rouxinol mais vivo que uma flôr.
Ainda mais vivo o homem; e portanto,

Só Deus é que é perfeito em dôr e amor.

Mas um homem deseja ser egual
A' Creatura eterna concebida
Em seu alto delirio genial,
Fogueira de alma acêza no Infinito!
Contenta-te, Creador, em ser perfeito
Na tua Creatura! O' contingente
E miseravel corpo que não podes
Existir sem matar, sê tu contente!
Homem, exhulta e canta! Foste a origem
De Deus, tu que és Satan! Tu que és o Imundo
Concebeste a Pureza! E sendo o Mal
Foste a fonte do Bem! Tu, que és um mundo
De miseria, de morte, escuridão,
Fizeste o Paraiso! Ergue os teus olhos,
E ergue n'eles teu forte coração;
E, de joelhos, contempla o que criaste!
E mais não podes tu, pois sempre fica
O Creador distante da Creatura.
Bem longe fica o sol da luz da aurora
E a propria escuridão da noite escura!

Dize á terra que seja semelhante
A' flôr que ela criou! E dize á flôr
Que seja egual á ave! E ao lobo errante
Que seja egual a Boudha e a Jesus Christo!

A SOMBRA DO LUAR

Ouve-se o luar caír sobre as ramagens,
Como chuva meudinha, humedecendo
As estereis e palidas paizagens
Que a noite, negro incendio, resequiu...
E, pouco a pouco, a terra sêca e dura,
Numa dôce emoção religiosa,
Vae-se vestindo de intima verdura
E de flôres ocultas e espectraes...
Alta vegetação indefinida;
Ramos, folhas, ervinhas transcendentes,
Filhas da luz apenas reflectida...
Creaturas de sonho que viveis
Como junto duma arvore sensivel
A sua verde sombra... E o luar cresce
E abre como uma flôr... E do Invisivel
Nascem Aparições desconhecidas
Que me sáem, de súbito, ao caminho
Ou se desenham vagamente, ao longe,

Quando passeio, á noite, êrmo e sósinho,
Como os doidos e a lua ... Hora divina,
Hora profunda de milagres, quando
De nossas trévas intimas afluem
Sombras ao nosso olhar, e quando as côres
Na indecisão de tudo, se diluem ...
E os pinhais têm um rôsto de quem dorme
E um espirito oculto que vagueia
Longe deles, talvez ... e em outras terras
Cria funda raiz e ao vento ondeia ...

Hora de amôr e dôr e piedade,
Quando as folhas das arvores felizes,
Em busca de luar no céo penetram,
Como na terra as sôfregas raizes.
Hora de encantamento e de mistério...
Hora santa do Enigma; hora divina
De vidas e de mortes, quando o céo
E' alto e largo e a terra pequenina!
Hora de invocações, visões e sincopes,
E de vozes sem labios, e de olhares
Sem olhos, e de fórmas incorporeas,
E andam ventos de marmore nos ares...

Ah, desce ao fundo dos meus olhos, Lua!
Quero sofrer a mistica tristeza
Que á superficie do luar fluctua,

Como avesinha morta á tona d'agua!
Tristeza que ele trouxe lá dos céos...
Tristeza do Infinito e da Distancia!
Santa tristeza cosmica de Deus!
Calma tristeza ideal da Eternidade!
Tristeza do Indeciso, do Principio,
Do Vago, do Crepusculo! Tristeza,
Eu bem te sinto em mim, pois tambem sou
Indecisão, crepusculo e incerteza!
Sou principio de vida e fim de vida;
Uma aurora e um poente á mesma hora;
Luz alegre e penumbra dolorida
Condensadas em viva e nova luz!

Luar! luar! phantastico desmaio
Da Sibila que fala vagamente,
Comendo terra, a uivar e a estrebuchar
Na exaltação profética e vidente...
Misteriosa luz evocadora,
Alva cinza de espiritos e essencias;
Luz de condão que mal as almas tóca,
Logo as veste de formas e aparencias...
O' sol do mundo ignoto dos espectros!
O' verde luz fluidica e marmorea,
Que dás relevo e côr e corpo a tudo
O que é vida invisivel e incorporea!
Luz de sonho e de encanto que enverdece

Toda essa terra espiritual de nuvem
Que na absorpção da noite, nos empece,
Embora, dentro em nós, seja creada!

O' mãos da lua pálida, esboçando,
Num lacteo, aéreo gesto que deslumbra,
Perfis espirituaes, fórmas de sonho
Que perpassam nos longes de penumbra...
O' mãos da lua que moldaes em sombra
Troncos de nevoa e animicos rochedos,
Assim como de dia, as mãos do sol
Moldam em agua e terra os arvoredos.
Mãos de delirio, de extase e desmaio!
Mãos de agua a evaporar-se, mãos de espuma,
Esculpindo creaturas e florestas
Em mármore somnambulo de bruma...
Erguendo um mundo vago que aos meus olhos
Surge dentre os redondos seios nús
Da noite maternal tão caridosa
Que é treva para os astros serem luz...

Sempre que o dia morre e a Sombra negra
Se vê de escuros longes despontar,
Como um palido dia de além-tumulo,
As avesinhas deixam de cantar,
E em sobresaltos trémulos voando,
Escondem-se nos ramos, como os lobos

Nas cavernas da serra, uivando, uivando
A' Noite que os domina e atemorisa . . .

Ah, quando a noite negra vem do céu,
Num vago gesto de aza misteriosa,
E desce aos nossos olhos que parecem
Intimas aguas mortas, onde pousa,
Em largas revoadas circulares,
Uma infinita multidão de sombras :
Onda de cinza esparsa pelos ares
Que cáe do sol já frio e amortecido,
— Meu corpo em trevas lividas se afunda
E vaga em pleno Limbo . . . e disperso
Num nevoeiro de vidas tudo inunda,
E em mim se perde a terra e o ceu tambem . . .
E a minha consciencia empalidece
E se alonga confusa e semelhante
A uma gota de orvalho, á luz do sol,
Entre a nuvem e a lagrima hesitante !

Mas nasce o Luar . . . e em minha fronte neva ;
E volto a mim ; acordo e resuscito,
Qual onda que, alta e nitida, se eleva,
Depois de se espraiar em fórmas vagas . . .
Pois tu, dôce luar das solidões
Resuscitas meu corpo ; e ei-lo na terra
Já vivo e unificado ; e as multidões

De vidas que murmuram no meu sêr
E a treva dispersou — vejo-as de novo
Numa só clara vida concentradas...
E o que era confusão, escuro povo
E' limpido perfil amanhecente...
E a minha consciencia se define,
Abre os olhos e vê; contempla o mundo
Externo e material para atingir
O que ha nele de espirito profundo...

E subo um ermo outeiro que o luar,
Como as agoas das chuvas reverdece.
A Distancia brumosa lembra o mar
E ha paizagens de nuvens pelo céu.
As fórmas nevoentas dos pinhaes
Resuscitam, trazendo em pleno corpo,
Os sangrentos e trágicos sinaes
Da cruz, onde os pregou a noite negra!
E as sombras aparecem vagamente,
A medo, como a loira luz do dia
Que sorri nas friestas, de manhã,
E nos manda viver em alegria...
E ao longe, os vultos lividos dos montes
Tem gestos de penumbra; e as aguas gélidas
Choram nas bocas espectraes das fontes,
E em tudo ha tristes olhos que nos fitam.

E vejo-me, sósinho sobre a terra
Que lateja e palpita n'um rumor
De seivas circulantes que, ao luar,
São abrolhar de gômo e abrir de flôr ...
E as sementes ocultas, genesiacas,
Como tocadas de agua e de sol vivo,
Abrem-se como um ventre e dão á luz
Desde o tôjo rasteiro ao cedro altivo ;
— Rasteiro e altivo ao nosso olhar apenas,
Porque aos olhos do Espirito uma ervinha
E um grande roble são da mesma altura...
Que distancia a do sol a uma andorinha ?
D'um ramo em flôr a um nobre pensamento ?
Da noite ao dia ? Do sorriso á lagrima ?
De uma pedrinha núa a um sentimento
Despido como a agua e como a luz ?

Sósinho, vou pensando em alta voz,
N'esta certeza de que sou ouvido
Pelo mundo sombrio qne me cerca
E me contempla e fala comovido...
Ouço, dentro de mim, tudo que existe !
E nem eu faço mais que repetir,
Em fragil verso pobre, humano e triste,
O que me diz a terra misteriosa...
E as cousas me contemplam tão serenas,
Impassiveis ! E existem dentro d'elas,

Tremores, tempestades, sobresaltos,
Fundos abysmos, lucidas estrelas!
Desabamentos fragarosos! Vidas
Que se somem na noite! Madrugadas,
Donde se exhala a vã serenidade
Das suas êrmas formas concentradas
N'uma bruma de espirito e de sonho,
N'um nevoeiro espesso que deslumbra;
N'um extase gelado de cadaver,
Extase de silencio e de penumbra...

E tomada de assombro, quantas vezes,
Uma pedra me diz: O' meu irmão,
Tu lembras-te de mim, d'aquele tempo
De trágica e infinita solidão?
Do tenebroso Génesis, quando era
Esse teu corpo humano, isto que sou,
Esta aspereza esteril, bruta e féra;
Esta fria dureza que em teu sêr
Se fez, serenidade, amor, brandura?...
E sou ainda o que já fôste, poeta;
Ainda estou morta e presa á terra dura,
Onde andas, vivo e livre, á luz dos astros!
Ah! chora a minha negra escravidão!
(Dôr que sómente o Poeta compreende)
Até que, um dia, abrandem tuas lagrimas
Este terrivel pêso que me prende

Ás entranhas da terra! Ah! chora, chora!
Ergue-me em tuas lagrimas que vôam
Mais longe que o teu riso e a luz da aurora!
Quero ser dôr, amor e sentimento!
Quero subir em nuvem deslumbrada!
Quero orvalhar os labios sequiosos
De Deus! Boca febril, boca mirrada
E com sêde de vida insaciavel!

E ouvindo a voz da Pedra, eu meditei
Na Dôr, Principio eterno, Emanação
Da sombra triste e universal de Deus,
Que sobre a fria e morta Creação,
Atúa, com violencia, a cada instante,
Chamando o ferro, a agua, a luz dorida;
Chamando a pedra, a nevoa, o limo, o fogo,
Inexoravel, fatalmente á Vida!

Perante a Dôr, tudo abre uns olhos tristes;
Tudo estremece e canta e principia
A ser hostia de amor nas mãos de Deus;
Hostia que ele comunga á luz do dia,
Depois de a erguer tão alto, que ela passa
As remotas estrelas e as Origens,
O Destino, as miserias, a desgraça
E vae além da Vida e além da Morte!
E assim a Vida é o grande sacrificio

Que a Deus faz a imperfeita Natureza,
Para que Deus exista em dôr e amor,
Em alegria e mistica beleza;
E tenha emfim, uma existencia clara
E viva e real, e cosmica e divina,
Como o rochedo que, tombando, esmaga,
Como o riso da nuvem que fulmina!

E o luar chovia, num rumor tão leve,
Qual tenue sombra de aza palpitando,
Ao clarão das estrelas, sobre a neve
Qual é um luar mais frio e mais intenso...
Mas essa nevoa de onde o luar nascente
Chovia, dissipou-se; e todo o espaço
Ficou limpo de luz... E novamente
Meu sêr se dispersou em fórmas vagas,
E me tornei confuso e indefinido...
E mal se distinguia na penumbra
Este corpo alagado e diluido
Nas arvores, nas pedras e nas brumas...
E a divina paisagem que o sol ama
Em sonho e brando fumo se desfez,
Ao tocar-lhe de leve a negra chama
Que sáe do incendio trágico da Noite!

OS MEUS OLHOS E UMA PEDRA

Porque é que vós, meus olhos, de repente,
Comovidos ficais a contemplar
Uma pedra qualquer, se toda a gente
Era incapaz de nela reparar?

Uma pedra céguinha, inconsciente
Que nada vê; mas vosso claro olhar
Cobre-a de tal ternura, que ela sente
Como um calor de vida a despontar...

E uma oculta visão misteriosa
Transparece na pedra; e a luz radiosa,
Vê-a atravez dum vago nevoeiro...

Ah, foi decerto assim que a luz dos céos,
A luz que vem do Sol e vem de Deus,
Ergueu da terra, um dia, o sêr primeiro!

UMA ARVORE E O SOL

Arvore minha amiga, abençoada
Alminha vegetal, com que ternura
Abres o brando seio á luz sagrada
Que, como um vento mistico, murmura.

Logo te viste mãe; e para a Altura
Ergueste as mãos alegre e alvoraçada.
E lembravas assim a Virgem Pura,
Ao sentir-se do Espirito pejada.

E o teu corpo, todo ele era uma flôr.
E emanações de ardente e casto amor,
O ceu azul doirado embriagavam . . .

Mas na alegria imensa que sentias,
O' arvore feliz, nem sequer vias
A sombra que teus ramos projectavam . . .

UMA GOTA DE CHUVA

Uma gota de chuva que trespassa
Os telhados e o tecto, vae tombar
No meu escuro quarto, onde esvoaça
A sombra do silencio . . . E fico a olhar

A chuva triste e fria na vidraça,
E minha luz, ao vento, a desmaiar . . .
Vento que me abre a porta quando passa
E aviva as cinzas mortas do meu lar!

E que impressão me faz aquela magua,
Aquele som de dôr que exhala a agua
Que nas nuvens andou liberta e viva;

E de repente, sem saber porquê,
Ela, a inocente e clara, assim se vê,
Na fórma d'uma lagrima captiva.

OS OLHOS DOS ANIMAES

Que triste o olhar do cão! Até parece
Mais um queixume, um intimo lamento
Da noite interior que lhe escurece
O coração que é todo sentimento.

E os mansos bois soturnos! Que tormento
Em seus olhos tão calmos transparece...
E os olhos da ovelhinha e os do jumento!
Que tristes! Só o vê-los entristece...

Chora em todo o crepusculo a tristeza.
E além do sêr humano, a Natureza
E' lívida penumbra feita de ais...

Por isso, o vosso olhar de escuridão,
E' mais lagrima ainda que visão,
O' tristes e saudosos animaes!

UMA AVE E O POETA

I

Sobre aquele pinheiro aureolado
De inerte e vegetal melancolia,
Um passarinho alegre e alvoroçado,
Cantou, cantou durante todo o dia...

Estive a ouvi-lo mudo e extasiado...
Mas, por fim, perguntei-lhe: Que alegria,
Se fez em ti, ó corpo acostumado
A' cruz das tuas azas de agonia?

Dize: que viste tu, no céo profundo?
Que foi que aconteceu sobre este mundo?
Grande cousa de certo adivinhaste...

Ou revelou-te a Luz o seu mistério?
E divina canção de amôr etéreo,
Em procura do sol, alevantaste?

II

E a avesinha serena e confiada,
N'um olhar de ternura me envolveu;
E em sua dôce voz iluminada
E tão cheia de graça, respondeu:

Meu canto é luz do sol em mim filtrada;
Vou a cantar... e canta a luz do céo.
E das aves da noite a voz cerrada,
E' penumbra que n'elas se embebeu.

Sonho a perfeita e mistica alegria!
Desejo ser ~~apenas~~ harmonia;
~~Canção de luz que~~ todo o espaço inflama!

Ser a Esperança ~~viva~~, a Eternidade;
Não ser a estrela e ser a claridade;
Ser apenas o Amor, não ser quem ama.

BOUDHA

Seguia Boudha, um dia, o seu caminho,
Sob os raios do sol que o penetravam,
Quando avistou, deitado, um cão velhinho,
Com chagas, onde os vermes pululavam.

E dele se abeirou; e com carinho,
Limpou-lhe as chagas pôdres que cheiravam
Tão mal! livrando assim o pobresinho,
Mendigo cão dos vermes que o matavam.

Mas preocupado, continuou andando . . .
E lembrou-se dos vermes que, ficando
Sem nenhum alimento, iam morrer.

E voltou ao pé d'eles; e um pedaço
De carne ali cortára do seu braço
E abençoando-os, deu-lhes de comer.

MARCO AURELIO

Um dia, Marco Aurelio a passear
Andava, em seu jardim; e meditava
No misterio da Vida; e o seu olhar
A esfinge do Universo interrogava...

E tão imerso em sonhos ele estava,
Que trilhou, por acaso, ao caminhar,
Um bicho que no solo rastejava,
Sem umas azas, ai, para voar!

E Marco triste e mudo ali ficou,
(Dizem que muito tempo) e meditou
Na morte que acabára de fazer;

Na falivel, chimérica bondade
Que mesmo em sua eterna claridade,
E' tão ceguinha e mata sem saber!

FREI JOÃO BERNARDES

Pela serra de Cintra, onde murmura
A agua, sob a verde ramaria,
(Na solidão, ausencia da creatura
Mas presença de Deus) ele vivia

E mais uma gazela. Companhia
Amoravel e dôce! Com ternura,
Compunha versos mysticos, e os lia
Ás flôres, á gazela, á agua pura.

E nos olhos da sua companheira,
O Santo via a aurora, a luz primeira
Que o mandava rezar ao Creador.

E nos olhos do Santo, ela avistava
A estrela vespertina que a mandava
Á gruta recolher, em paz e amor.

S. FRANCISCO DE ASSIS

S. Francisco de Assis falava outrora
Ás aves e ás ervinhas, triste e só...
Se tudo quanto vive, sofre e chora,
É a mesma alma eterna e o mesmo pó!

Por isso, ele sentia pena e dó
Por tudo quanto doira a luz da aurora,
E não bebeu no poço de Jacob
Aquela agua de vida redemptora.

Ó lobos, meus irmãos! Irmãs ervinhas!
Ó pedras! Tristes aguas pobresinhas!
Creaturas do meu sangue, em doida guerra!

Quanto vos amo em Deus! E sinto bem
Que esta terra que eu beijo é nossa mãe
E que a sombra de Deus anda na Terra!

DE NOITE

Olha a chuva miudinha como cáe,
Lá fóra, n'um sussurro que entristece.
É tarde já; meus olhos descançae...
Que bem nas noites frias se adormece!

E deito-me na cama, sim; mas, ai,
Minha vidraça, aos ventos, estremece!
Vozes da escuridão, falae, falae,
Que não pode dormir quem vos conhece!

Noite povoada d'almas! Noite infinda...
O' luz á cabeceira bruxuleante!
Versos por encarnar, sem fórma ainda...

O' primeira canção no Azul sem fim!
Primeira luz, nas friestas, hesitante;
Mão que meus olhos vens fechar, emfim!

ADORMECER

Mão que fechas meus olhos com amor,
Quando a primeira luz se vê luzir,
(Sorriso das friestas) e um rumor
De vida nova se começa a ouvir.

E meus olhos cançados vão dormir...
Em volta d'eles pairam, n'um fulgor,
As visões, os espectros e o sorrir
Esphingico da Sombra... O sonho e a dôr

De branda aureola os cercam... Dir-se-hia
O proprio olhar as palpebras passando,
Um mundo de mysterio contemplando...

Mundo espectral de sonho e d'harmonia,
Que em alturas longinquas se anuncia,
Chimericas paisagens revelando...

DE MANHÃ

I

Ás vezes, quando acordo, fico a olhar
As paredes do quarto; e extasiado,
N'elas vejo, confusa, divagar
Erma sombra que vem no sol doirado

Que atravez das friestas ao passar
E ao vêr-se pelas trevas assaltado,
Perde o sangue, desmaia e faz lembrar
Por uma lança um corpo trespassado!

E a sombra paira na parede nua,
Onde a cal branca evoca a luz da lua;
Luz que molda em penumbra um mundo ignoto...

E tu, creatura humana, és egualmente
Visivel projecção d'um transcendente
E invisivel espirito remoto...

II

E aquela sombra, triste, me fitou
E disse-me: Não sabes com certeza
O corpo d'onde venho e que gerou
Esta vida de nevoa e de incerteza...

Esse corpo infeliz, além, passou
E sofre sêde e fome; canta e reza.
Meu sêr de sua carne se exhalou
E d'ela trouxe escuridão, tristeza!

Mas o frouxo luar da tua alcova,
Lá fóra, é luz do sol, alegre e nova,
Que beijou esse corpo, a resplender...

E aquele brando beijo iluminado
E contacto tão leve e delicado,
Foi o bastante, sim, para eu nascer!

A SOMBRA DE EURÍDICE

I

Canção divina as cousas comovia
E de ternura as arvores choravam . . .
E lembrava o luar a luz do dia
E os ribeiros, extaticos, paravam.

Era Orfeu inspirado que descia
A's entranhas da terra ! E se afundavam
Os seus olhos na noite muda e fria,
Onde as palidas sombras vagueavam.

Eurídice, o seu morto e triste amor,
Ouvindo-o, tomou fórma e viva côr,
Intima luz á face lhe subiu . . .

Mas, ai, Orfeu quiz vê-la ! E qual neblina,
Que foge mal lhe toca a luz divina,
Outra vez sombra, Eurídice fugiu . . .

II

Ai, dos que vêm as formas da Natura
Com este olhar da Carne; escuridão
Que tudo nos transtorna e desfigura;
Nem mostra o mundo e o céo como eles são!

Com este olhar que é noite, noite escura;
Apenas noite, chaos e confusão!
E nos faz vêr brutal e tôsca e dura
A sensivel e viva Creação!

O' desgraçada luz que só revelas
A face tenebrosa das estrelas
E a pobre sombra humana entregue á sorte...

Candeia, onde é o azeite agua dorida,
Não nos mostras o mundo em alma e vida,
Mas em lívido corpo e negra morte!

A SOMBRA DE JESUS

Entre o sombrio e biblico arvoredo
Do Jardim, onde Christo repousava,
N'um alvorar de sonho e de segredo,
Fez-se uma luz, e no ar se alevantava...

Era mais uma nevoa que doirava
O céo azul e a terra; e quasi a medo,
Por um milagre estranho, ela tomava
Divina e humana fórma, entre o arvoredo.

Era Jesus. E logo Magdalena,
N'essa manhã genesica e serena,
Foi ao encontro d'ele, enlouquecida!

Quiz beijá-lo e abraçá-lo com fervor...
Mas Jesus era sonho, dôr e amor,
Era vida sem corpo, era só Vida!

A SOMBRA DE PAN

Quando de todo se extinguir a Vida ;
Quando as aguas gelarem, e este mundo
Rolar na Imensidade escurecida,
Como um deserto funebre e infecundo;

Quando a luz, avesinha mal ferida,
Exanime caír no céo profundo . . .
E os corpos se fundirem na dorida,
Eterna Essencia que animára o mundo ;

Quando sómente o Espirito inundar,
Como invisivel nuvem, todo o ar,
Onde murchou a estrela da manhã;

Sonhando um novo Genesis glorioso,
Surgirá no Infinito tenebroso,
A sombra enorme e tragica de Pan !

A SOMBRA DA DOR

Quantas vezes sósinho, triste e mudo,
Percorro a Solidão (não sei porque,
As pessoas são nada e as cousas tudo)
E fico assim extatico e suspenso...
E no meu sêr profundo e vago acorda
Misteriosa magua indefinida;
Dôce melancolia que recorda
A imagem dos outeiros e dos vales,
Em cinza de oiro e nevoa, quando o Outono
Onda mortal de lagrimas e sombras,
Invade a Terra e a deixa no abandono
Da Alegria, do Sol e da Esperança.

Antiga dôr das cousas que morreu,
Fria sombra de angustias já defuntas;
Espectro que anda errante pelo céo,
Nos crepusculos rôxos e no Inverno...
Anda no ar dorido do Poente,

E nas brumas do Longe, e na folhagem
Que cáe dos ramos funebres, molhando
De palidez a face da Paizagem...
E nos cantos do sapo que entristecem,
E no caír da chuva; e no sussurro
Do vento; e em nossos olhos que anoitecem,
Quando uma sombra passa deante d'eles.

Ai, quanta baça e túrbida tristeza
Nos veste de penumbra o coração!
Imagem lutuosa em êrmo altar,
Na tragica semana da Paixão...
Essa tristeza é grande dôr sofrida,
(Um Diluvio já quasi gota de agua)
Que chega junto a nós desfalecida
Da infinita distancia que ela andou...
São enormes e tragicos martyrios;
Cratéras flamejantes e sangrentas
De paixões, sobresaltos e delirios
Que em nossos velhos corpos padecemos!
Chama que nos queimou; dôr abrazada
Que o Tempo diluiu, como a Distancia
Esfuma em luar, esbate em madrugada
O teu fogo terrivel, Sol ardente!

Dôres surgindo em nós, que relampejam!
E ficamos tão lividos, sentindo

Essas dôres longinquas que nos beijam
Com uns labios de sombra e de phantasma!
São dôres que se ocultam no que existe
De mais confuso em nós, de mais distante,
Pois todo o mal sofrido n'outros tempos,
Ensombra nossa carne palpitante!

Não ha luz que se apague; nem ha voz
Que emudeça; nem lagrima que enxugue.
E o que o Homem sofreu antes de nós,
Nimba de dôr remota a nossa alma!
A lagrima primeira ainda scintila:
É gota d'agua eterna... é mar sem fundo...
Os meus olhos inunda e atravez d'ela
É que eu contemplo a Vida e vejo o Mundo.
E o grito primitivo ouve-se ainda;
Como atravez d'um sonho nebuloso,
Repercute-se ainda no meu vulto
Que vibrando se torna harmonioso.
E ha de tambem repercutir-se a nova
Dôr sem fim, na futura e grande Edade,
Para que seja em cada sêr humano,
Sempre constante a dôr da Humanidade!
Para que estejam presos, sem descanso,
Os homens do Passado aos do Presente
Pela mesma infinita dôr bemdita
Que se prolonga e cresce eternamente...

Chimericas tristezas vaporadas
Do fundo do Passado, enevoaes
Meu coração que lembra árvor perdida
Nos crepusculos êrmos e outonaes...
E sinto em mim a nuvem trovejante
Que ainda hoje escurece a luz do sol,
E que, n'um dia tragico e distante,
Subiu das aguas tôrvas do Diluvio.

Dáe-me a visão de tudo o que passou,
Sombras da dôr passada! Alumiae-me
Esse caminho escuro que trilhou
Meu sêr desde o Principio, desde a Noite.
Alumiae-me o poço que eu cavei
Em mim proprio, cortando sem piedade,
As fórmas ancestraes por que passei
E que ficaram, sim, em carne viva!
E ha soluços e sombras doloridas
N'esse tetrico abysmo ilimitado,
A sangrar, como as furnas denegridas
Que são golpes da terra. E lá do fundo,
Meus olhos vêm subir confusamente,
Um nevoeiro de vozes e de lagrimas,
Que se desenha ao longe, vagamente,
N'uma floresta de almas e de corpos...
Negra floresta ondeante e caminhante

Que de mim se aproxima, n'um rumor,
Gesticulando ao vento espiritual
Da Origem, vento palido de dôr...
Vento de luz na Nevoa e no Mysterio...
Vento de vida organica nas chuvas
Que tombaram, n'um dôce refrigerio,
Sobre o perfil da Terra todo em cinzas...
E foi depois um temporal tremendo,
Alevantando as aguas do Diluvio;
A vida sobre os mundos acendendo
E o clarão das estrelas apagando...
E depois, feito sonho que floriu,
Sobre as aguas do mar, foi mão divina
Que em seu marmore verde, inquieto, abriu
O corpo esbelto e tremulo das ondas.
E n'uma alegre e lucida volupia,
E n'um alado gesto de ternura,
Dos corpos viridentes das florestas
Ergue e torneia os seios da verdura...
E os aridos desertos faz vibrar,
Em fulvas ondas rytmicas de areia,
Que, na paz do silencio e do luar,
Tem liquidos marulhos, vozes liquidas...
E nos lembram as ondas de harmonia
Em que se espraia um verso... em que se espraiam
A esperança, a tristeza, a luz do dia,
E emfim a creatura, onda sagrada

Que, ao sôpro d'esse vento, se prolonga,
Entre rochas hostis e contrafeitas,
Em novas ondas cada vez mais nitidas,
Cada vez mais irmãs e mais perfeitas...

Mas o bosque phantastico se eleva
E aproxima de mim ; e a sua sombra
Augmenta e se confunde com a treva...
E ouço rumôres de almas e figuras...
E absorvido na nevoa que me envolve,
Como um phantasma de arvore, pelo inverno,
Erro atravez do tempo que dissolve
Em sombra eterna os corpos transitorios...
E vejo estranhos vultos indecisos,
Entre nuvens, mostrando a negra face...
Espectros na penumbra matutina,
Doidos, apedrejando o sol que nasce!
Turbas de almas sem nome que a Distancia
Dilue em formas vagas... Sentimentos
Que lampejam nas brumas... Anciedades,
Sonhos, paixões, ardendo aos quatro ventos!
Nostalgias de nómadas perdidos
Em selvaticos bosques; sobresaltos!
Férreo ruido de armas e alaridos
De tribus acampadas, alta noite,
Em territorio hostil... Mêdo nocturno
Ás bronzeas trovoadas e aos relampagos

Que se gravam, a fogo, no soturno
Marmore azul raiado de vermelho!
Quando as nuvens pesadas se alevantam,
Como sombrias rochas de granito;
E na Distancia livida, parecem
As colunas ondeantes do Infinito.

O' Deus incendiando os horizontes!
Deus abrazado em raivas destruidoras,
As arvores rasgando de alto a baixo,
Como se acaso fôssem pecadoras!

Mêdo á luz do Luar nos arvoredos,
Povoados de espiritos maleficos;
De sombras, de phantasmas e segredos,
Derramando um terror secreto e vago...

O' silencio da Noite! O' paz da Terra!

— Silencio creador de estranhas Vozes,
De terriveis e ocultas Divindades!
— Paz creadora das luctas mais ferozes,
Travadas entre as almas e os espectros!
E ha rugidos de raiva e convulsões
De agonia, nas trevas que sepultam
Sombras mortas e palidas visões!

Terror das Pytonisas, em delirio,
Sobre os tumulos brancos que desmaiam
A ondulação fluidica da noite...
E seus olhos propheticos se espraiam
Em luminosidades que alvorecem
E se embebem n'um morto e lhe dão vida;
E animam as estatuas, e endurecem
Os suspiros, as lagrimas e os ais!

Terror de Jéovah, quando o deserto,
Em turbilhões de poeira esvoaçando,
Envolve as longas, êrmas caravanas...
Poeira que sobe, em fogo architetando
As nuvens trovejantes e abrazadas,
Que pairam sobre as fragas do Sinai,
Onde o estrondo das fortes trovoadas,
E' a voz de Deus prégando, acêso em ira!

Sacro terror do Augure misterioso,
Lendo no vôo das aves que descreve
Enigmas e mysterios no ar extatico...

Chovem sombra e silencio sobre a neve...

Mêdo das tempestades! Mêdo antigo!
O' meus avós das frageis caravelas,
Navegando de serra em serra de agua,

Tocando com os mastros nas estrelas!

Negro terror de invocações nocturnas
Aos deuses infernaes! O' castidade
E branca luz de Diana que no Inferno,
E' temivel e horrenda divindade!

Terror da mulher grávida a gritar,
Tres vezes, por Hecate, á meia noite!
Santo terror do ventre que vae dar
A' luz, em nova fórma, um novo espirito!

Terror da Nubelosa que se sente
Já grávida de Deus! Terror divino!
Terror materno e fundo da semente
Que, germinando, cresce ~~evae~~ ser arvore!
Já seu caule futuro ela adivinha;
Seus ramos e folhagens verdejantes...
E o bando alegre de aves que, á tardinha,
A embriagará de cantos e de vôos!

Terror da Creatura ante o mysterio
Que a torna Creadora! O' mêdo á Noite,
E ao Luar a caír n'um cemiterio,
Onde ha resurreições desconhecidas!

O' mêdo dos meus olhos que já vistes

Fundos ribeiros onde as Bruxas riem,
Patujando nas aguas! Bruxas tristes,
O' Nymphas fulminadas e maleficas!

O' certos sitios êrmos e soturnos,
Que o pobre viandante apavoraes!
Fundas barrócas, pinheiraes nocturnos,
Onde o Mêdo, mais livido, esvoaça...

O' denegridas cruzes dos caminhos
E a figura do morto que fluctua...
E um gélido arripio, um sobresalto,
Sopra; e parece vento a luz da lua...
E uma aza negra e imensa, pela aflicta
Sombra do ar, se espalha, emquanto a Noite,
Com as dôres do parto, geme e grita,
Ao dar á luz Visões e Aparições!

O' procissões nocturnas de defuntos,
Em tôrno das egrejas... Levam luzes,
Em seus hombros de nevoa suportando
Andores de penumbra e altas cruzes
De fumo, e um Palio aberto de ilusão...
E ha nevoeiros de incenso no ar calado,
Toldando um Christo livido e sangrento
N'uma cruz espectral crucificado!
O' phantastica imagem da Agonia,

Ante os maternos olhos lacrimosos
Da Noite, Virgem Mãe, toda de luto!
O' grande Sombra martyr! O' brumosos
Olhos postos no céo! O' corpo exangue,
Corpo de nuvem, torturado e aflicto!
Pés de penumbra em sangue! O' mãos em sangue!
O' Redemptor estranho do Crepusculo!

O' poetas agoirentos, negros môchos,
Cantando na funérea solidão!
Luzes misteriosas entre as arvores,
Vultos brancos que andaes na escuridão...
Mortos que em formas vivas se figuram
E vivos que aparecem como espectros...
Melancolias tragicas murmuram
Revelações soturnas d'além-tumulo...
Passos nos longos, êrmos corredores...
Luzes da Noite e vozes do Silencio...
O' aflorar dos gélidos suores!
O' panico em orvalho! O' medo em lagrimas!
Vozearia do vento, êrmos ruidos
Que a face do Silencio golpeaes,
E em desalinho pondes seu cabelo
E seus olhos de sombra enevoaes...
O' chuva meuda e triste! O' raios liquidos
Do mar, sol de agua enorme! O' Noite triste!
O' mãe das grandes dôres que se escondem

E a mãe talvez de tudo quanto existe!

O' mêdo ás almas do Outro Mundo! O' mêdo!
O' panico gelado! O' mêdo agreste!
Como ainda meu corpo sobresaltas,
Se te bebi no leite e se vieste
No sangue que percorre as minhas veias,
Com velhos sofrimentos já passados;
Com aflicções de naufragos, e assim
De emparedados, martyres, condemnados!
— Sangue feito de brumas e distancias,
De trevas, de clarões e de incertezas!
De gritos incendidos que se apagam!
Altas maguas, phantasticas tristezas!
Infinitos terrores religiosos...
Visões do negro Inferno e Céo etéreo!
E o terror abysmatico e sublime,
Sagrado e sempiterno do Mysterio!

O' nevoeiro de dôres já sofridas,
Sobes do mais profundo do meu sêr,
E perturbas minh'alma que se vê
Declinar como um sol, e anoitecer...
Sentindo-se mais forte e solidaria
Com toda, toda a humana multidão
Tragada pelo tempo, e que é tão grande!
E cabe dentro em ti, meu coração!

O' justiça da Dôr! O' dôr activa!
Estranha Redempção! O' dôr eterna,
Que vaes ligar a minha carne viva
Aos esqueletos tragicos, desfeitos!
E prendes os meus olhos palpitantes
Ao pó dos olhos mortos, cinza escura,
Por um fio de lagrimas sem fim!
E has de unir a primeira creatura
Ao derradeiro sêr, ó dôr perpetua!
A derradeira luz á luz primeira;
Ao primitivo amor o ultimo amor,
E a primeira esperança á derradeira!

APARIÇÃO

Aparição é luz inesperada
De repentina imagem transcendente...
Interior e mystica alvorada

Que trespassando os olhos, de repente,
Se reflecte na terra e mais no céo
E nas fontes que choram como a gente...

Por isso, a claridade que nasceu
Dentro de nós, se torna exterior
E parece caír do azul do céo.

E todavia, vem do nosso amor
Que, por alto milagre, se condensa
Em corpo, fórma viva e viva côr.

Ah, tudo o que se sonha e que se pensa;
Todo o nevoeiro d'alma que anda errante
Em nossa funda solidão imensa;

O espirito animado e penetrante
Que envolve, para sempre, quanto amamos,
Sobre este mundo fragil e inconstante:

E tudo o que sofremos e odiamos;
Toda a bruma de sonho e de beleza
Que nós, agua sensivel, exalamos;

A descrença, o desejo de certeza;
Lagrima que é, n'uns olhos, alegria:
Riso que, à flôr d'uns labios, é tristeza;

A Essencia que d'um corpo se irradia;
Emanação de Deus que se alevanta
Como a nevoa d'um vale, ao fim do dia;

Aureola espiritual e sacrosanta,
Fundo de luz divina onde aparece
Todo o perfil, ou d'arvore ou de Santa;

O que de sonho e nuvem transparece
Atravez nossa carne dolorida,
De noite, em sitios êrmos, nos empece!

E o que é nitida luz e clara vida,
Oh, que mêdo nos causa! que pavor!
E' sombra para nós desconhecida...

É livido phantasma o nosso amor
Que, na profunda e triste solidão,
Passa por nós, em noites de terror!

A lagrima ao saír d'um coração
Evapora-se; é branco nevoeiro,
Sudario, espectro de anjo, aparição!

É tudo aparição, desde o primeiro
Homem que viu a Luz extasiado,
A' estrela do pastor sobre um outeiro.

Todo o corpo é phantasma que, ao sol nado,
Toma aspectos de clara realidade
Perante o nosso olhar halucinado!

A creadora e santa Claridade,
Todo o espirito envolve em fórmas puras;
E eis arvore e rochedo o que é saudade...

E tu, sussurro estranho que murmuras
E deslisas na sombra, estremecendo,
Atravez de intangiveis espessuras,

Quando a luz principia amanhecendo,
És ave, folha verde, clara fonte;
És forma que se esboça e vae crescendo...

E quando o sol distante do horizonte,
Tem a maxima força de ilusão,
E brilha a prumo sobre a minha fronte,

Parece erguer do Nada a Creação.
E montanhas e rochas e arvoredos,
É tudo mysteriosa aparição!

E no meu sêr encerro taes segredos,
Que esta minha figura aos olhos meus,
Dir-se-ha feita de sombras e de medos.

Sou vago como as nuvens pelos ceus;
Sou nodoa indefinida, fumo errante,
Manchando a face limpida de Deus.

Ah! todo o corpo é tremulo, hesitante!
E tudo quanto amamos e abraçamos,
Sempre de nossos braços bem distante!

Desde a tenrinha face que adoramos
Á definhada mão que, de joelhos,
A ultima vez, em lagrimas, beijamos;

Moças estrelas, frios mundos velhos,
O mar, a terra, os campos viridentes;
Incendios da manhã, poentes vermelhos,

São nublosas imagens transcendentes
E talvez ilusorias, que, a sofrer,
Em nós se infiltram palidas, trementes...

Só d'este modo os poderemos vêr!
E não directamente, rosto a rosto;
Por isso, o etéreo alvor do amanhecer,

Produz em nós um intimo desgosto;
Uma duvida escura, uma incerteza
Que envolve o mundo, ás horas do sol posto!

D'onde vem, coração, essa tristeza?
Porque estranhas assim o natural,
Tu que és, como uma flôr, da Natureza?

Porque geraste a Creação ideal
E foste além de ti, e te excedeste,
E outra vida mais alta e virginal,

O' Creador sublime, concebeste!
Com a materia tragica do Inferno
Ergueste um mundo limpido e celeste!

Mundo perfeito, vivo e sempiterno,
De eternas creaturas povoado,
Sem aflições nem lagrimas do inverno!

Não é de terra, pedra e mar salgado;
Nem é seu infinito Firmamento
De sanguinarios astros constelado.

E' só luz de Alma ; é só Deslumbramento...

A SOMBRA DO AMOR

N'um sósinho logar da minha aldeia
Ensombrado de lividos pinheiros,
Onde um silencio triste, ao luar, vagueia,
Onde a sombra do outôno é sempiterna...
Ouve-se, em êrmas horas tenebrosas,
Uma lástima errante e dolorida
De alguem que tanto amou, que nem a morte,
A propria morte arrebatou á vida!
Voz de alguem que morreu na flôr da edade;
Voz de saudosa e mistica donzela
Que anda a pairar na cerração da noite,
Como um canto perdido ou luz de estrela...

E' pálido Phantasma adolescente,
Todo em penumbra e sonho figurado,
Que á frouxa luz da lua, vagamente,
Surge da sombra múrmura das arvores...
E traz em desalinho a trança escura

E o seu perfil é só melancolia;
Um intimo queixume de ternura
Doirando de tristeza as cousas mortas...
Mas em noites de vento e de demencia,
Quando saudade rustica lhe rasga
As entranhas de sombra e de aparencia,
Anda a gritar! e o vento é a sua voz!
A chuva as suas lagrimas! a treva
E' seu amor que os ares escurece,
Depois de lhe matar o coração
Que mesmo em cinza e pó, inda estremece!...

O' mistico Phantasma! O' Sombra etérea,
Inexoravelmente prêsa ao mundo,
A' dôr, á vida, á tragica miseria,
Que me importa que sejas nevoa ou sonho,
Se o teu vulto de ausencia e de poeira,
E' mais vivo que a carne dolorosa?
E a tua dôr talvez mais verdadeira
E mais de Deus que minha propria dôr?
Sou corpo e tu és sombra. Os meus ouvidos
Ai, comprehendem bem as tuas queixas
Pelas noites de lua... e os teus gemidos
Pelas noites de frio e vento e chuva!
E sob o Azul chimerico e nocturno,
Tu não me fazes mêdo, como áqueles
Que fogem d'esse sitio êrmo e soturno,

Onde anda a tua voz a lastimar-se...
A tua voz apenas, pois teu corpo
E' um ar quasi invisivel... E beijar-te
Seria dar um beijo n'uma nuvem,
E abraçar uma nuvem abraçar-te!
Mas de tal modo esse ar iluminado
Me deslumbra e domina, que eu me sinto
Ébrio de ti, cantando apaixonado!
Sou presença chimerica e perdida
N'uma tal cerração de claridade,
Feita de auroras mortas, mortos dias,
— Que até nem sei onde meu sêr acaba,
E onde é que tu, Phantasma, principias!

O meu saudoso espirito que chora,
Será tua êrma sombra, por ventura?
Qual a barreira ideal que me separa
De ti? Quem sabe lá? O' noite escura!
Em raiz faminta se prolonga a terra,
O céo se continúa em verde ramo;
Um vale vae subindo, e, emfim, é serra!
A fonte vae chorando e, emfim, é mar!

E que medo tu causas aos nocturnos,
E pobres viandantes que te vêm,
Pelas noites de lua, em sitio êrmo!
E na terra ensombrada, sem ninguem,

Onde o arvoredo triste rumoreja,
Seus cabelos erriçam-se! e n'um impeto,
Fogem, gritando por alguem que seja,
Como eles, d'esta vida e d'este mundo!
Loucas gentes que não compreendeis
O que ha em vós d'aquela morte! E assim
(O' cegueira infinita!) não sabeis
O que ha n'ela tambem de vossa vida!
Por isso, tendes mêdo; e eu não, eu não!
Eu sinto errar em mim aquele espectro,
N'esta profunda e grande solidão,
Como sangue invisivel sustentando
Meu sêr enamorado eternamente...
E vejo bem quanto ha de minha carne
Aflicta e viva e de meu sangue ardente
N'esse vulto de nevoa e de crepusculo!

Aurea e dôce manhã de pura Essencia!
Fórma cortada em noite; coração
Aberto em luz.
O' corpo de aparencia,
E espirito de clara realidade!
Surge-me rosto a rosto, entre o arvoredo
Que medita ao luar e nos traduz
Uma saudade, um intimo segredo,
Um vago anciar crepuscular da terra!
Aparece-me a mim; nada receies;

Pois se me sinto irmão dos que são vivos,
Tambem me sinto irmão dos que morreram,
Das pedras e dos montes pensativos.

Ah! sempre que eu percorra, triste e só,
Este pálido outeiro tão enfermo,
E despido e sequinho, que faz dó
Vê-lo assim com os labios abrazados
E o coração ao pé, n'um latejar,
N'um anciar febril que não descança,
Sob um Azul de fogo, sem ao menos
Uma nuvem—essa agua ainda esperança!
Quando eu andar sósinho n'esse outeiro,
Onde é sempre noitinha e frio outôno,
E onde morre de magua o pegureiro,
O' Sombra branca e mystica, aparece-me!

Vago perfil de lagrima e luar!
O' penumbra de luz e comoção!
O' voz d'uns labios desprendida! Olhar
Sem olhos que o limitem e anoiteçam!
O' ouvir sem ouvidos! Noite acêsa!
Fórma livre de corpo transitorio,
Mas presa ainda, fatalmente presa
Ao amor, á saudade, á propria vida!
Lyrio espectral que em sombras se desfolha,
De que te serve amar! Vês os teus labios?

São luz crepuscular. Teus braços olha;
São fumo. És toda sonho, espuma e nevoa

Mas o Desejo humano é imponderavel
Chama viva que nunca se apagou!
Arde mesmo depois de caír em cinza,
O corpo que, ele, aos ventos dispersou...
E, por isso, o Desejo te incendeia
O rôsto de penumbra, como abraza
Teus seios de ilusão que o luar prateia
E os teus olhos extaticos de sombra...
E na mudez chimerica da Lua,
No silencio da Terra e do Infinito,
Perpetuamente quero ouvir a tua
Estranha voz chorar e lastimar-se!
Voz diluida já na voz das cousas!
Voz feita vento, e nuvem, e lampejo
De sol! Eterna voz do eterno Amor!
Voz das Aguas, do Fogo e do Desejo!

O' Essencia de tudo quanto existe!
Por ti, cantam as aves, e a manhã
Injecta sangue virginal na Terra!

Por ti, nasceu Jesus, Orféu e Pan!

Por ti, brame o leão e ruge o tigre!

Por ti, chora o luar, e brilha o raio!
E brigando nos campos, mugem touros,
Sob o sol genesiaco de Maio.
E tudo vive e acorda do marasmo
Da originaria inercia imperturbavel...
E de cantar com doido entusiasmo,
Cáem mortos, na agua, os rouxinoes!

Por ti, o polen desce alegremente
Aos calices extaticos e abertos,
Que recebem o germen transcendente
D'uma adoravel multidão de flôres!

Por ti, o mar delira e a fonte chora!

Por ti, se torna nuvem a agua clara;
E o orvalho os seios abre á luz da aurora,
Estonteado de bruma e de volupia!

Por ti, ha cousas altas, invisiveis...

Por ti, as aves fazem os seus ninhos
Em ramos que, por mais inacessiveis,
São para vós, ó aves, sempre baixos!

Por ti, Desejo, os seios da Mulher
(Fontes de vida e amor, sagradas fontes)

Se dilatam, e crescem, e arredondam,
Como o corpo das ondas e o dos montes!

Por ti, os môchos piam; e ao luar frio,
No céo marmoreo, esculpem vôos sinistros...
E o sapo, nos crepusculos do Estio,
Cantando, evoca o Palido, o Remoto...

Por ti, Desejo mystico, deixaram
Lagos, fontes e sacros arvoredos
As Nymphas que este mundo povoaram,
N'essa longinqua e santa Edade de Oiro!

Por ti, Apolo é um deus crepuscular...
Luz de joelhos; sol rezando absorto.
E o grande Pan se coroou de espinhos
E chorou sangue e lagrimas n'um Horto!
E Venus Dolorosa, Mãe das Dôres,
D'um negro véo cobriu a branca face!
O' Venus da Aflicção e dos Amores,
O' Venus da Tristeza e da Alegria!
E seus olhos azues, vêde-os que choram!
E tem os alvos seios trespassados
Por sete espadas, que primeiro foram
Sete raios da estrela da manhã!

Por ti, escreve o Poeta e o Santo reza...

E a Sybila delira em negros antros!

Por ti, na Hespanha, foi Santa Thereza,
Em teus olhos, ó terra, olhar celeste!

Por ti, Desejo, o dia é resplendente;
E o mar é verde, e claras as estrelas...
E em volta d'uma estrela anciosamente,
Vertiginosamente a Terra gira!

Por ti faz sol, e chove, e venta, e neva!

Por ti, existe a Côr, a Fórma, a Luz
E o Invisivel, o Incolor, a Treva:

Por ti, voltam ao mundo os proprios mortos!

A SOMBRA DO QUE FUI

Quando sáio, de noite, e vou sósinho
Entre o arvoredo, palido, a tremer,
Para afastar as sombras do caminho,
Levo, nas minhas mãos, um facho a arder.

E em sobresalto a noite vae andando,
Deante de mim, tão triste de figura!
E a minha luz as trevas penetrando,
Desenha fórmas na Distancia escura...

E as cousas que me cercam, vagamente
Nascem além, da sombra, enevoadas,
Como se, por encanto, as visse a gente
Na materia dos sonhos esboçadas.

Nas margens do caminho, êrmos pinheiros
Erguem-se estremunhados e embebidos
Em vagas anciedades... nevoeiros
Que perturbam seus intimos sentidos...

E ao vento gesticulam... Vê-se bem
Que desejam falar! O' voz infinda,
O' voz ignota, estranha que ninguem,
Ou Adivinho ou Bruxo, ouviu ainda!

E fico, atento e palido, a escutar,
Na noite que meu facho torna inquieta...
E a sombra d'uma voz paira no ar
E em meus tristes ouvidos se projecta...

Indefinida voz harmoniosa,
Nuvem de som subindo d'outras eras;
Confusa e imensa voz mysteriosa,
Como o canto remoto das Espheras...

Voz de alma que em meus labios scintilou,
Quando era terra funda ou tronco escuro
Este corpo que a Dôr humanisou,
Como a enxada suavisa o saibro duro.

E fico entrelembrado do que fui,
Ouvindo aquela voz. E fico triste...
E á superficie do meu sêr aflue
Tudo o que, em mim, de mais longinquo existe...

E o meu vulto presente, actual e vivo,
Na sombra d'essa voz se diluiu...
Minha carne fez-se humus primitivo,
Meu tragico esqueleto empederniu!

Meus olhos se fecharam; e abriram
Depois, a um novo mundo interior,
Onde os sêres e as cousas se fundiram
Em espirito apenas e em amor!

E a Distancia, que lembra etéreo marmore,
Onde todas as fórmas vão gravar-se,
Ou de homem ou rochedo ou tronco de arvore,
Era um nevoeiro de alma a levantar-se...

Uma ascenção chimerica, infinita;
Um fumo de anciedade e de tristeza,
De sonho, de ternura e dôr bemdita,
Que exhala eternamente a Natureza!

Vae-se perdendo em alma a Creação.
Um sonho é sangue a arder que se evapora;
N'um gemido vae terra, escuridão
E perfume de flôr e luz da aurora.

Desde um incendio á nuvem deslumbrada,
Desde uma pedra á onda arrefecida,
Tudo vae n'uma lagrima sagrada,
N'uma palavra terna e comovida.

Um ai, um riso alegre, uma saudade,
O canto genial do rouxinol;
Um extase, um enlevo, a piedade,
E' tudo feito de agua, terra e sol.

Como as ondas do mar nos altos céos,
Toda a creatura foge em nevoa etérea!
E assim atinge o coração de Deus
A dôr, o amor, os gritos, a miseria!

Toda a materia tragica, imperfeita
Que existe e sofre e vive, por encanto,
Faz-se espirito eterno, alma perfeita,
Na fronte humilde e virginal do Santo.

De seus olhos bemditos elevando-se,
Subindo em sua voz que Deus escuta,
Da negra lei da morte libertando-se
Vae a materia triste, céga e bruta!

Vae subindo, subindo, radiosa
N'um vôo sagrado, eterno, que deslumbra
O Vidente, a Sybila esplendorosa
E o poeta humilde e obscuro da Penumbra.

Assim sonhei na noite ondeante e escura;
Noite de extase, enigma e exaltação!
E o vento, em sua histerica loucura,
Descia, e enraizava-se no chão...

E um tronco de poeira e de folhagem
Turbilhonando, erguia-se no ar...
E os seus ramos cobriam a Paizagem,
N'um febril e constante bracejar!

E o facho a arder as trevas assustava!
E a rir, com mãos phantasticas, o vento
Arrebatá-lo ás minhas mãos tentava,
Mas ele ardia tragico e sangrento!

Na noite negra ardia! E os pinheiraes
N'um nevoeiro palido de maguas,
Mostravam-se disformes e espectraes,
E tão cheios de vozes como as aguas!

ALÉM MUNDO

De que é feita a paisagem que avistamos
Em sonhos? De que é feito o nosso olhar?
E a sombra que nas aguas projectamos?
E o nosso espectro erguido além da morte?
E as saudades e as dôres que sofremos?
E a voz e o som? E os olhos que nos fitam,
Quando, á noite, dormindo, percorremos
Não sei que mysterioso e fundo abysmo?

Oh que estranha e phantastica descida,
No meio de clarões e de silencios,
Sobre a oculta paisagem concebida
Nas penumbras do somno! Eis o momento
Em que a nossa visão interior
Se acende, mas ainda duvidosa,
Somnambula e desperta em tôrva luz,
Como um fulgor de antemanhã brumosa.

E assim, emquanto eu vejo vagamente
Meu quarto, a minha mesa de trabalho,
E ouço, lá fóra, o zéfiro gemente
E um rastejar de sombras e de sêdas...
Ao mesmo tempo avisto esses primeiros
Contornos de outro mundo, que se esboçam
Em palidos, remotos nevoeiros,
Em confusas distancias de crepusculo...

De que é feito esse mundo extraordinário?
De que materia fluidica, impalpavel,
São esses arvoredos, claras fontes
Que deitam agua etérea, imponderavel,
E animicas frescuras e subtís
Nevoas de sonho e dôr?
De que são feitos
Esses corpos e mysticos perfis
Que meus olhos fechados sabem vêr?

O' terra que avistamos a sonhar!
Lua, que em montes palidos, se alumbra!
Altas ondas de fumo que se espraiam
Em areaes longinquos de penumbra!

O' arvoredos vagos e ondeantes,
Surgindo, como espectros rumorosos
De fórmas diluidas e distantes,

Deixando um rasto trémulo de sombra!
Fumo vago a elevar-se em altos caules,
E a dividir-se em ramos e folhagem...
O' sonho a desdobrar-se em horizontes
E contornos nevoentos de paizagem!

O' rios de crepusculo, somnambulos,
Que, intangiveis e etéreos, deslisaes,
Entre filas de lividos salgueiros
Que uma nevoa sufoca e orvalha de ais!

O' agua fresca e clara que murmuras
Em vales de chimera! Intima fonte
Escondida em profundas espessuras
Imateriaes de côr, enverdecendo...

O' brancas ovelhinhas a pastar
Em penhascos altissimos de nuvens...
E tristes pegureiros a cantar
Elegias saudosas de outra vida...

Aves do ceu que a gente vê sonhando!
Sombras de Anjos que passam, n'um clarão...
Aladas Anciedades palpitando
N'um crepusculo triste, onde sussurra
Um zéfiro outomnal de cinza rôxa
Que em nosso corpo vivo se insinúa,

Trazendo, em suas azas, mortas flôres
E claridades lividas de lua...

Sol doirando paisagens espectraes...
Montes de nevoa e vales de penumbra,
Onde as cousas e os sêres não são mais
Que brandas fórmas de luar remoto...

Novo Reino da minha intimidade,
Concebido por mim, além do espaço...
O' meu refugio, exilio, soledade,
Minha Torre de bruma e de silencio!

Como eu vos amo, estranhas Creaturas
Que viveis n'esse Reino! O' passarinhos
Que sois canções, voando... Arvores tristes
Rezando, á tarde, á beira dos caminhos...

O' minha santa Avó, que vens d'além
D'estè mundo de morte e de mentira,
A' terra dos meus sonhos, — vejo bem
Que o teu corpo divino é simplesmente
Uma aureola de nevoa esplendorosa
Que me contempla e fala...
Quantas vezes,
No silencio da noite religiosa,
Os meus labios procuram tuas mãos

Para as beijar... mas, ai, logo se afastam,
Como réstea de sol ao declinar...
E na tristeza palida da ausencia,
Meu triste coração fica a chorar...

Rosto amado que tanto me enterneces!
Todo cheio de graça e candidez,
Porque será que ao vêr-te me pareces
Mais alegre e mais vivo do que em vida?
Em que nova materia te encarnaste?
Tu, que morreste tremula e velhinha,
Como flôr que se inclina sobre a haste,
Apareces-me agora linda e nova!
E que serenidade tens no rosto!
Que expressão de ternura e de bondade,
Quando, em sonhos, me falas e abençôas
E foges n'uma branda claridade!

E eis meu Irmão que surge; e ao lado d'ele,
Tudo o que amei e a morte foi levando...
Ouço-lhe os passos leves, como os passos
D'uma sombra partindo...
E vae andando
Atravez duma terra que se alumbra,
Onde é nevoeiro a agua, e fumo as arvores
E as estrelas são gotas de penumbra
Em altas radiações de Palidez...

E as flôres são perfumes; e os rochedos
Lembram sonhos de bruma... E um vento forte
Perturba um largo e escuro céo phantastico,
Para onde tudo vae depois da morte.

Mas ha momentos de alma em que esse mundo
Adquire a nitidez e a realidade
Das lagrimas, das pedras e do fogo!
E ei-lo que surge á luz da Eternidade...
E o vêmos com os olhos, e o tocamos
Com os dedos do nosso corpo astral
Que, no instante profundo, em que sonhamos,
Toma relevo e fórma...
E' o corpo etéreo
Que nosso corpo bruto e doloroso
Sofrendo, desejando, estremecendo,
Irradia no espaço misterioso
Onde o mundo dos Sonhos vôa e erra...
E então as Creaturas que o ~~habitam~~ povoam
São vivas como nós, á luz d'um dia
Eterno, virginal, espiritual,
Feito só de esperança e de alegria.
E as côres são mais nitidas ainda
Que o vermelho da rosa...
E o Firmamento
E' mais claro e visivel que o perfil
D'uma arvore ou rochedo, quando o vento,

Atravez das planicies e dos montes,
Desanuvia os ares, colorindo
E retocando os êrmos horizontes
Que as distancias brumosas enodôam...

N'essas horas de sonho e de visão,
Sentimos que habitamos outro mundo
Que, para além da noite e solidão
Da terra, paira em céos espirituaes...
E que além d'esta carne contingente
Que nos cobre estes ossos de miseria,
Outra existe mais pura e transcendente,
Para onde foge e emigra a nossa alma...

Esta vida é mais ampla do que a vida
Que julgamos viver! Este Universo
Não é mais do que um ponto de partida,
Um material crepusculo do Espirito...
Sômos fontes de vida, a sombra, a origem;
Sômos o fogo e não a claridade;
Sômos onda do mar que se desfaz
Em nevoa de Infinito e Eternidade!

Mas, ai, não sômos, não esse Infinito
Nem essa Eternidade! Assim a flôr
Jámais puderá ser o seu perfume

E o coração jámais será o amor!

Mas n'um etéreo sonho religioso,
N'um alto enlevo de extase divino,
Atingimos o Reino explendoroso
Que fica além do espaço e das estrelas.
E na Contemplação Espiritual,
N'essa fonte longinqua, os homens bebem
Agua de puro amor, agua lustral,
Agua de vida eterna e redentora!

Meu santo Reino espiritual que eu vejo,
Como atravez d'um sonho, quando a luz
De profunda visão aquece e doira
Meu corpo, — arvore verde e negra cruz...
Vejo-te intimamente como as arvores
Avistam, dentro de alma, os passarinhos...
E assim os olhos gélidos dos marmores
Têm a visão confusa das florestas...
E como a terra vê, quando tocada
Pela graça da nevoa que se eleva,
O grão que sobe em haste para o sol
E desce em raiz faminta para a treva...

Ai, quasi toda a gente (triste sorte!)
E' qual onda do mar que só conhece
O sôpro glacial do vento norte

E o seu bater de encontro ás penedias,
Ignorando que sobe em branca nuvem
Para a Luz infinita que a deslumbra,
Quando o sol bebe as lagrimas da noite
E lhe desfaz o manto de penumbra!

Ai, da flôr que se vê, gélida e núa,
Nas petalas findar! E não presume
Que vôa e se prolonga e continúa
Em seu aroma que enche todo o espaço!

Ai, da ave que entende a voz do ceu
E quer voar, e cáe desfalecida
E quer cantar, e fica muda e triste!

Ai, d'aqueles que vivem esta vida
E não sabem sentir, amar, sofrer!

Ai, da pena levinha fluctuando
A' verde flôr da agua, sem poder
Sondar-lhe o seio virgem e fecundo!

Ai, dos surdos e funebres ouvidos!
E dos olhos sem lagrimas! Dos braços
Definhados, inertes e caídos!
Ai, dos labios sem beijos e sem voz!

Ai, do tigre raivoso que, em seu peito,
Sente a féra crueza que o incendeia
E o consome, tortura e faz rugir!

Ai, do lobo faminto que vagueia
Na solidão da serra congelada,
Uivando a Deus a sua negra fome,
Sob a cruel e ríspida nortada
Que o céga e lhe trespassa a magra carne!

O' animaes ferozes e ceguinhos,
O' animaes ferozes e nocturnos!
Homens ferozes, tragicos, sombrios,
Corações sem ninguem, antros soturnos!
Onde ha silencio, dôr, melancolia;
Onde ha plantas damninhas...
O' janelas
Fechadas ao luar e á luz do dia!
O' lares apagados, ai de vós!

SOMBRAS

O' ruinas da Grecia, mais do Egypto!
O' lagrimas de marmor celebradas!
Esphinge de olhos postos no Infinito,
Palpebras, para nós, sempre fechadas!

O' ruinas humildes de choupanas,
Muros caíndo, á beira dos caminhos...
E mais tristes que vós, ruinas humanas,
D'onde fogem, com mêdo, os passarinhos!

O' Sena, Eurotas, Tibre! Grandes aguas!
Que á voz de Homero, de Hugo e de Virgilio
Juntastes o clamor de vossas maguas...
Pégos de drama e dôr, margens de idylio!

O' meu Tamega obscuro, agua dormente...
O' rio, á noite, a arder todo estrelado!
Agua meditativa ao luar nascente,
Agua coberta de azas ao sol nado!

O' pedra das Pyramides, famosa!
Obeliscos, de pé, nos horizontes!
O' pedra, ao vir do sol, harmoniosa,
O' pedrinhas anonimas dos montes!

O' boca do Vesuvio, êrma cratera,
N'um vomito de morte e destruição!
Montes da minha aldeia, ai, quem me dera
Ser, como vós, de terra e solidão!

O' rochedos do Caucaso onde eu vou,
Em romaria espiritual, rezar!
O' fogo eterno que o Titan roubou,
O' fogo humilde e brando do meu lar!

O' fonte de Castalia tão sequinha,
Já reduzida a terra, cinza e pó!
O' boca das Cisternas, á tardinha,
Mais o biblico pôço de Jacob!

Agua! sangue dos vales e dos montes!
O' fonte dos Amores sempre aos ais!
Camenas, Siloé, eternas fontes,
Que na Historia e na Lenda murmuraes!

O' minha fonte livida e sombria,
Que sentiste quebrar-se o fio etéreo
De agua, que tanto ao mundo te prendia!
E em nevoa te afundaste no Mysterio...

O' fontes a cantar nos versos meus!
Agua que ninguem bebe! O' agua obscura
Que, humilde, vae beijar os pés de Deus,
E, humilde, veste as arvores de verdura!

Ah, mata a sêde, mata aos passarinhos!
A' poeira incandescente, á sêca fragua,
Ás ervas, aos mendigos e aos bichinhos;
E mata a sêde, sim, á propria agua!

A alma de Anachreonte rumoreja
E brilha: é flôr e aurora n'este Val...
Aza imensa de sombra que avoeja
Sobre este livro palido, espectral!

O' versos de Camões, Virgilio e Dante!
O' meu canto ignorado, humilde, incerto,
És a pegáda que, na areia ondeante,
Imprime o louco vento do Deserto!

O' versos pobresinhos e andrajosos
Que, atravez dos farrapos, deixaes vêr
A carne exposta aos ventos invernosos,
Quem tem pena de vós, para vos lêr!

Virginia, Heloisa, Ophelia, Mariana!
Vossas queixas ficaram no ar sombrio.
Vossos ais inda abalam a alma humana,
O' corpos de neblina em desvario!

Olha os rios, Ophelia: eles tomaram
O talhe do teu vulto. E a funda magua
E as canções que em teus labios se molharam,
São cantos de nevoeiro em labios de agua!

O' Sapho, abre os teus olhos; anda vêr
A curva que teu corpo descreveu,
N'um desejo de abysmo, de morrer,
Toda gravada a lagrimas no céo!

Olha, Virginia, o mar que se perturba
E ergue em ondas que imitam teu cabelo!
Olha o mar, pelo inverno, d'agua turva!
Olha a neve a caír do Sete Estrelo!

Leonor, Francesca, Ignez assassinadas,
(Uma em seu proprio leito, cruelmente!)
Gélidas, brancas sombras golpeadas
Que deitam ainda sangue vivo e quente!

O' amantes eternas! Nevoeiros
De lagrimas que o sol nunca desfez!
Fumos de neve! O' sombras de salgueiros,
O' lyrios de penumbra e palidez!

Ao luar alto da Lenda, ó meus amôres,
Pela noite da Historia, vaguiae!
Essa aridez de terra enchei de flores,
Essa terra sangrenta perfumae!

Triste Menina e Moça que eu amei,
Hoje divino sonho que se exhala,
Ainda adoro, sim, como adorei,
A tua sombra que me beija e fala!

Quanto mais para mim são os teus braços,
Longinquos e moldados em perfume,
Com mais violencia eu sinto os teus abraços,
E os teus beijos de nevoa são de lume!

O corpo é que é mentira, fumo vago...
E a sombra é carne, sangue, amor fecundo!
Ai, os beijos das sombras! O' afago,
O' caricia que vens de além do mundo!

Contacto arripiante da Penumbra!
Pêso de nevoeiro sufocando
Meu coração que, extatico, se alumbra,
Junto a um seio de nuvem palpitando!

Gemidos do crepusculo! Anciedades!
Febre, delirio doido e fugitivo!
O' desmaios da noite! O' claridades!
Sombra morta beijando um corpo vivo!

Nupcias da Primavera com o Inverno
E da luz com a treva arrefecida!
Do amor humano com o amor eterno,
Da Morte com a Vida!

A SOMBRA DA NOITE

De noite, quando tudo é sonho e fumo:
O corpo humano, a rocha, o tronco d'arvore...
E na mudez lunar, a Voz adquire
Fórma, relevo e pêso como o marmore...
E os murmurios, sussurros e alaridos,
Que andam á triste flôr da Solidão,
Tomam vulto, perfil e gestos claros
Na vaga, imaterial escuridão...

De noite, quando se ouve o germinar
Baixinho das sementes, e o rumor
Longinquo das estrelas e do mar,
E a voz nocturna e palida das cousas...
Que nas trevas, que á lua reverdecem,
Ás vezes, falam alto... e gesticulam,
Somnambulas e vagas... e adormecem
N'um somno de nevoeiro...

Somno aéreo

Que um halito de vento, por mais leve,
Perturba; um somno brando de ave ou flôr;
Mais um estado de extase e de encanto
E profunda visão interior...

De noite, quando o espaço misterioso
Lembra o corpo de Cristo ensanguentado...
E os montes são Calvarios, onde as arvores,
Com seu longo cabelo desgrenhado,
De joelhos na terra, olhos no céo,
Orvalhados de luz, piedosamente,
Enxugam as estrelas d'onde mana
Sangue de vida e dôr eternamente!

De noite, quando a treva nos deslumbra,
E os nevoeiros do rio se confundem
Com os sonhos que pairam na Penumbra,
Alvejantes e aéreos...
Quantas vezes
Sáio de minha casa, e ando lá fóra
A interrogar as Cousas e auscultando
As almas dos rochedos e dos bosques
Que, ante mim, se alevantam, meditando...
E na mystica e santa Solidão,
N'uma confusa voz crepuscular,
Respondem-me... E bem sinto o coração,
Para eu ouvir melhor, bater baixinho...

Quantas vezes, estou como esquecido
Sobre os montes, na noite que me envolve
E me trespassa a alma, deslumbrando-a!
E em nevoeiros e fumos a dissolve...
E a noite, á força de beijar meus olhos,
Mysteriosamente resplandece,
Como se fosse dia!
E vejo então,
Na neblina que os montes entumece,
Desenhar-se, ante mim, um novo mundo;
Estranho mundo povoado apenas
De etéreas Creaturas que me falam
E me contemplam tristes e serenas...
Vê-se que são eternas; e seus corpos
Principiam na Essencia transcendente
Em que os nossos terminam...
E a Paisagem
Terrena e material, sombriamente,
No Incolor, no Invisivel se afundou...
E as arvores oscilaram e ondearam...
E, quaes columnas tremulas de nevoa,
Sumiram-se no ar, e se apagaram...
E as montanhas soturnas do horizonte,
E os fundos vales e os rochedos nús,
E fontes e ribeiros e oceanos,
Tudo se diluiu na eterna Luz!

Quem sois vós, quem sois vós, ó Creaturas,
Que em meus olhos de cinza e de poeira,
Viveis e palpitaes... e nem sequer
Fazeis, andando, a sombra mais ligeira?
Quem sois vós, quem sois vós, estranhos Sêres,
Que das trevas surgís, perante mim?
Quem sois vós, quem sois vós? Vinde contar-me
Vossa origem ignota e vosso fim!
Este mundo é silencio? E alta harmonia
Vosso mundo? Dizei-me o Verbo eterno,
A Palavra divina que alumia
A sombra das Origens!
Sim; falae,
Creaturas dos homens creadores!
Ó eleitas da Luz e da Beleza,
Que além de nós, viveis, em vossa clara,
Espiritual e eterna natureza!

E disseram-me então:
Repára bem:
Que vês, poeta mortal? A noite negra
Que teu corpo penetra, e dentro d'ele,
Em luz perfeita e limpida se alegra.
E cada sombra, poeta, que te mostra
A face triste, amarga e tenebrosa,
Tem outra face que teus olhos intimos
Podem vêr; e essa face é luminosa.

E este profundo Azul, d'onde o sol nasce,
Por mais lucido e puro, é a sombra tôrva
Do Universo... e nós sômos a outra face
Feita de eterna luz; nós sômos luz.
Vês esta fronte? E' luz. Vês este corpo?
É luz. Vês este mundo em que habitamos?
É luz. Vês estas arvores? São luz
E é luz tambem este ar que respiramos.
Tudo é Beatitude, Amor, Candura,
Deslumbramento de extase sem fim!

Sômos a face eterna da Creatura,
De que tu és, poeta, a face triste,
Nocturna e desgraçada...

Mas bemdita
Seja a profunda noite de que és feito;
Pois essa noite que soluça e grita,
É a dolorosa Mãe do nosso Dia!
E bemdito o teu corpo miseravel,
Pois d'essa carne aflicta e transitoria,
D'essa escrava materia ponderavel,
Nasce a Essencia divina que nos fórma!
Bemditas tuas lagrimas de dôr!
Pois d'essa agua tragica deriva
A Graça etérea, a Gloria, o eterno Amor,
A Alegria infinita em que vivemos!

E essas altas e eleitas Creaturas,
Todas, deante de mim, ajoelharam...
Vi mãos de luz erguidas para a Sombra,
E corpos que, ante a Noite, se prostraram.
Vi olhos nos meus olhos, como irmãos:
Labios de aurora abertos n'um sorriso
E colados n'um beijo, em minhas mãos
Inundadas de trevas e de lagrimas...

Mas a Visão desfez-se...
E novamente,
Perturbado e confuso, contemplei
As cousas d'este mundo; e sem saber,
Junto a uma arvore antiga me inclinei...
A arvore estava em flôr; e um golpe forte
De vento, fez vergar seus ramos verdes
Que beijaram a terra... E o vento norte
Os tomou nos seus braços, com ternura...
E a terra abriu os labios... e tambem,
De comovida, terna e fervorosa,
Beijou a noite imensa, a Noite Mãe
Que a trouxera no ventre e deu á luz...

CANÇÃO DA NEVOA

Tristezas leva-as o vento;
Vão no vento; andam no ar...
Anda a espuma á tôna de agua
E á flôr da noite o luar...

Vindes d'um peito que sofre?
De uma folha a estiolar?
D'onde vindes, d'onde vindes,
Tristezas que andaes no ar?

Efluvios, emanações,
Saídas da terra e do mar,
Sois nevoeiros de lagrimas
Que o vento leva no ar...

Suspiros brandos e leves
De avesinhas a expirar;
Êrmas sombras de canções
Que ficaram por cantar!

Brancas tristezas que sobem
Das fontes que vão secar!
Azas de nevoa onde vôam
Nossos olhos a chorar...

Saudades, melancolias
Que o Poeta vae aspirar...
Melancolias e maguas
Que o mundo exhala no ar!

E o Poeta solitario,
Fica a scismar, a scismar...
Todo embedido em tristezas
Que o vento leva no ar...

E o Poeta se transfigura,
E é a voz do mundo a falar!
E aquela voz tambem vae
No vento que anda no ar...

A SOMBRA DE DEUS

Perante mim se fez aquela Noite
Originaria; a Noite primitiva
Que era o Mundo em espirito sómente,
Verbo por encarnar em fórma viva,
Em côr alegre e carne palpitante...
Sonho, Amor, Esperança adormecida,
Vaga penumbra escura e madrugante...
A Noite anterior á Creação;
Á Saudade, á Tristeza, á Dôr e áquelas
Primitivas manhãs... Manto de sombra
Que em suas dobras escondia estrelas!
Noite maravilhosa que em seu ventre
Dilatado, sentia germinar
Um brazeiro de sóes d'onde saíam,
Como faúlas mortas a voar,
Grandes lagrimas de agua, pedra e terra!
A Noite anterior, primeiro estado
Fluidico, invisivel da Materia;

Um sentimento apenas, desmaiado
Sôpro de sombra, errante, no Infinito...
A Noite originaria, espectro enorme,
Que em si continha a estranha Natureza;
O Tamega, o Marão em altos pincaros,
A Biblia, a Esphinge, o vulto da Tristeza...
Aquela Noite universal de outrora,
D'onde tudo descende, e que inda hoje,
Em nosso corpo vivo, grita e chora,
E em nosso coração é sombra palida!

Ó residuos da Origem, do Principio!
Lôdo que a fonte virgem da Existencia
Depositou em nós, e se integrou
Em nossa carne, sangue e propria essencia!
Sons mortos, indecisos que ficaram
Sem sentido, nos labios da Natura;
Cinzas que o Verbo eterno e creador,
Para sempre, deixou na Creatura!

A Noite Primitiva que, em minh'alma,
É dôr, imperfeição e confusão...
E nas cousas é tragica dureza,
Silencio, morte, inercia e solidão!

Ó Noite que ainda és, em nossas lagrimas,
Pêso de agua e de dôr que as faz tombar!

E na luz d'um sorriso és treva densa
Que o combates e tentas sufocar!

Noite que a propria aurora empalidece...
E imobilisa as rochas; e, n'um sôpro
Gelado, os nossos nervos amortece!
E brame no leão, ruge no tigre!
E foi suor e lagrimas n'um Horto!
Hesitação humana e miseravel!
Mão que tentou o Calix afastar,
E a frieza ante a Mãe inconsolavel!

Ó Noite universal, Noite de horror;
Mas Noite creadora e maternal!
Eu bem te sinto em mim, na minha dôr,
E nos meus versos, ai! cheios de sombra!
E vejo-te nos olhos da Mulher...
No perfume dos lyrios; sentimento
Que se eleva no Azul errante e esparso,
Como ~~um seu~~ ideal desdobramento...
Pois todo o corpo se dilata e perde
Em chimera, desejo, sonho etéreo...
Brandas palpitações, soluços vagos,
Cantos de alma nas trevas do mysterio!
Bruma de tristes lagrimas, que o sol
Põe deante dos olhos abrazados,
Para entrever a sua escura origem

De crepusculo e sombra...
Ó desmaiados
Sonhos dispersos, vibrações animicas;
Ondulações de nevoa e de penumbra;
Rumores de luar, confusas vozes,
Remota claridade que se alumbra...
Êrmas visões, phantasmas solitarios;
Espectros de arvoredos e de estrelas,
De horizontes, de mares, de Calvarios,
De pedras mortas e creaturas mortas!
Ó fumos espectraes que a Natureza,
Como um incendio, exhala no Infinito,
Trespassaes o meu corpo de tristeza,
De alto misterio e perturbante enigma!
E sinto-me afogar n'um mar de nevoa...
E fico assim, a olhar, a olhar, no Além...
Atravez d'este sol amanhecido,
A Penumbra ancestral, a Noite mãe!

Saudosa, em mim, fez a antiga Noite...
Nos sêres e nas coisas se infiltrou,
Diluindo a côr, desmoronando as fórmas
E tudo em si fundiu, tudo apágou...
E o mundo tôsco e bruto se traduz
Em crepusculo, em nevoa, aéreo fumo...
O Tempo é noite; o Espaço é noite; a Luz
É noite; o Som é noite...

Ó sombra imensa
Feita de soes, de pedras, de alvoradas!
De avesinhas cantando, em ramos verdes,
De rosas de perfumes embriagadas,
E fontes, ao luar, cheias de Graça!

E essa Noite que os Fados revelaram,
Essa profunda Noite monstruosa,
Onde todos os corpos se apagaram,
De espiritos eternos se constela...

Ó Noite creadora! Ó Noite escura!
Ó mãe de Satanaz e mãe de Deus!
Que um sôpro, um beijo, um halo de ternura,
Inunda de celeste claridade!
Silencio feito Voz!
O alvôr do dia
É funda escuridão que se comove!
A luz, a luz, é o extase, a alegria,
Um encanto da sombra!
A propria flôr
É terra que uma lagrima beijou!
É terra que somnambula fluctua
Em divino perfume, etéreo enlevo,
Quando, em silencios de alma, nasce a lua...
E uma nuvem o que é? Onda do mar
Que o sol, doido de luz, contra o seu peito

Em chamas, abraçou! E ei-la a voar
N'um desgosto de lagrimas e bruma...
E em suas ascensões esplendorosas,
Nosso espirito é a nossa propria carne
Que vibra e sobe, em ondas mysteriosas
De mystica harmonia e sonho eterno!

Os corpos irradiam sentimento,
Como as estrelas luz; como a açucena
Seu virginal perfume côr de neve,
Em pálidas tardinhas de novena...

O sentimento é corpo como a pedra;
Creatura que sonha e que deseja!
É côr divina que o Poeta vê,
É forma viva que ele abraça e beija!

Tudo o mais é phantastica mentira;
Nevoa, fumo irreal do anoitecer...
Espectros que os Sentidos, como cégos,
Tacteando na sombra, julgam vêr!

Ó Noite anterior a toda a luz!
Manto de escuridão a desdobrar-se
Em estrelas, em mundos e Universos,
Em nevoeiros de vidas a espalhar-se...

És a sombra genesica e fecunda
Que Deus faz no Infinito.
Ó sol ardente,
Monstro de luz, abysmo de alvoradas!
Gloria do Dia e quéda do Poente!
Syrius, Neptuno e Marte e Nubelosas,
Roma, Jerusalem! Platão e Nero!
Abril, perfumes, lyrios, claras fontes
E cantos de pastor, versos de Homero!
Ó sermão da Montanha! Êrmos Prophetas,
Pythonisa, em dilirio, a advinhar!
Sybilas, Adivinhos, Fausto e Goethe,
Pincaros do Hymalaia, ondas do mar!
Verdes campos, sinistros areaes,
Pyramides e Templos, êrmas praias;
Gritos de Prometheu, saudosos ais
Da Virgem Dolorosa! Alto Calvario,
Ó Parnaso entre nevoas aureolado!
— Não sois mais do que um fumo transitorio,
Invisivel crepusculo tombado
Da sombra eterna e universal de Deus!

A Creação é sombra, é nevoeiro
Que dimana de Deus e enche o Infinito...
E onde ele está presente e verdadeiro,
Como um corpo na sombra que projecta...
Deus sofre no Universo; e n'ele vive

Pregado e ensanguentado ; e os astros são
Os cravos que o sustentam sobre a Cruz,
E seu Corpo divino é escuridão!
E seu Sangue divino é luz de estrela
Que das suas feridas, sempre abertas,
Escorre, e se derrama, e se congela
Em arvoredo, em ave e lyrio triste!

E Deus suspira e chora contemplando
A sua propria sombra arrefecida,
Mortificada e negra, scintilando
Constelações de lagrimas sem fim...

Sombra que o trouxe ao peito com amor
E em seu ventre gerou...
Toda a creatura
Procede d'uma sombra anterior
E todo o corpo é a encarnação d'um verbo!
Quantas vezes, nas horas emotivas,
Eu vejo etéreas brumas fluctuantes,
Fumos que ondulam, intimos crepusculos,
Verbos por encarnar, sombras distantes,
Em busca de dramatico relevo,
Procurando anciosas, a tremer,
Um corpo que as progete no Infinito
E onde possam chorar, cantar, viver!

O' misteriosas nevoas indecisas...
Phantasticas saudades que desejam
Achar as formas nitidas, precisas
Que encontraram as pedras e os metaes!

Assim o mundo, ó Deus, é tua sombra!
Tudo o que vive, tudo quanto existe
E' a tua estranha dôr e imperfeição:
Tua parte mortal, nocturna e triste
E fragil, dolorosa e transitoria!
E onde estás mais presente e verdadeiro
E mais vivo, talvez, que em tua gloria,
Em teu deslumbramento e alvôr divino!

A SOMBRA DO HOMEM

Quando n'um somno aéreo tudo dorme
E a treva lembra luz adormecida...
E o silencio chimerico e disforme,
E' só uma canção interrompida;

Quando um pinheiro, além, na indecisão
Da noite que o perturba e lhe faz mal,
Se vê perdido em vaga confusão,
Tornar-se um êrmo e vago pinheiral;

Quando na sombra espessa, ó minha fonte,
Deslisa, anceio de agua, a tua voz,
De som molhando o rosto do horizonte
Que sofre e chora, ás vezes, como nós...

Quando em paz tudo dorme, eu sonho e scismo.
Remorso? Exaltação? Delirio a arder?
E ouço vozes que veem d'um fundo abysmo
Que eu vejo aberto no meu proprio ser!

E ouço vozes e passos... Quem me fala?
És tu, ó chuva? ó vento? ou serei eu?
Ah, como distinguir a minha fala,
Das vozes que andam, tristes, pelo céo!

Já de tanto sentir a Natureza,
De tanto a amar, com ela me confundo!
E agora, quem sou eu? N'esta incerteza,
Chamo por mim. Quem me responde? O mundo.

Chamo por mim; e a estrela me responde.
Chamo de novo; e diz-me o mar: quem chama?
E diz-me a flôr: onde é que estás? aonde?
Vêde a sorte terrivel de quem ama!

Quem é sómente amor desaparece;
Para ser tudo, deixa de existir.
Por isso, emquanto o Amor nos entristece,
Tudo, em volta de nós, está a sorrir...

Qual é tua alegria, ó Creação?
A dôr da Creatura. E sendo assim,
A alegria do nosso coração
E' a dôr universal, a dôr sem fim!

Viver, é receber a vida alheia;
Morrer, é dar a nossa propria vida.
E para que dê luz minha candeia,
Quanta gota de azeite consumida!

E Deus se exalta e vivifica em nós,
Pois na Creatura existe o Creador.
O silencio divino é a minha voz
E a alegria divina é a minha dôr!

O' Deus, tu és em mim fragilidade;
Sombra que, por encanto, surge e passa...
E em ti, sou Infinito, Eternidade,
Extase, Beatitude, Enlevo e Graça!

A voz sofre n'uns labios prisioneira;
E os labios vêm-se livres na alvorada
Da voz humana! E a Natureza inteira
Em Deus se alegra e canta sublimada!

Orar, é a gente vêr a Deus em si,
E vêr-se a gente em Deus. N'essa visão,
Creaturas, os olhos consumí;
A esse fogo deitae o coração!

Ah, cada cousa humilde ou creatura,
E' a lenha que conserva sempre acêsa
A fogueira de Deus, na noite escura
E gélida e sem fim da Natureza!

A ULTIMA SOMBRA

Esta sombra infinita em que me afundo
E a que tentei dar fórma, vida e côr,
E' o principio da terra e o fim do mundo;
A projecção espiritual das coisas...

Sombra do nosso corpo e nosso espirito!
Sombra que se enraiza nas Origens
E vae subindo em haste, e já floresce
Em altos céos animicos e virgens...

Sombra que no Passado se projecta,
E é gelida penumbra! E ao mesmo tempo,
Sobre o Futuro é sonho de Profeta,
E' limpida e amorosa consciencia...

O' sombra de dois corpos! Um é noite,
Ou antes luz esparsa e difundida...
O outro é noite dispersa, ou clara luz
Que se concentra e abraza em dôr e vida.

O' grande flôr de treva, recortada
Em petalas de fogo! A noite triste
E' um lirio negro aberto em luz doirada,
Em perfume bemdito que alumia...

Antes da massa cósmica atingir
A sua ultima phase espiritual,
Deus era Verbo apenas; sombra escura,
Êrma, inerte penumbra universal...
Mas, quando em nós, a terra solitaria
Emfim, se fez espirito perfeito,
— Deus, essa antiga Sombra originaria,
Encarnou, tomou fórma, vida e corpo.
Sim: o Verbo de Deus é que é Materia;
E a encarnação de Deus é que é Espirito!
E nosso amor e dôr, nossa miseria,
Creadores de Deus, n'ele se fundem.

O' sagrado momento ~~repentino~~ do Destino,
Em que a pobre Materia transitoria,
Voando em claro espirito divino,
Se vê liberta e viva e sempiterna!
O' momento em que a carne sofredora,
Barro feito de dôres e amarguras,
Em piedade, ternura e pensamento,
Ergue seu vôo ás mysticas Alturas!
E sublimada em alma, para sempre,

(Sonho de eternidade imperturbavel)
Ha de viver na santa paz bemdita,
N'um santo e dôce enlevo interminavel...

O' instante sagrado em que perpassa,
Lá na distancia espiritual dos céos
E mais do nosso olhar, etérea sombra,
Apenas um crepusculo de Deus!
Sombra que me beijou! Beijo de amor!
Beijo de terra e céo! O' beijo cósmico!
Perturbação genesica! Rumor
Da noite abrindo os seios de luar...

Vago rumor de lagrima nascendo
A' negra flôr d'uns olhos virginaes...
Turvo rumor de nevoa emudecendo
O cantico da aurora em versos de oiro...

Rumor das cégas, intimas sementes
Que firmadas nos caules, se alevantam...
E em seus braços, os ventos penitentes
Moldam gestos de benção sobre a Terra...

Rumor do Verbo aflicto e angustioso,
Que começa a sentir-se pêso e fórma,
E sangue vivo e corpo doloroso,
Agrilhoado á Dôr que o vae remir!

Bronzeo rumor de nuvem trovejante
Que, á tarde, se abre, e deita sobre o mundo,
Grande torrente de oiro deslumbrante:
Gloria de Deus surgindo no Crepusculo!

Branco rumor, ao luar, de branca vela...
Rumor do sol genesico de Abril;
Rumor do alvorecer de intima estrela,
E do entreabir dos gômos e das flôres...
E do gretar da terra trespassada
Pelas hastes que sobem desejosas,
Sedentas de ar, famintas de alvorada,
Na antevisão da flôr e do perfume!
Alto rumor astral do azul dos céos
Que sustenta pendentes dos seus úberes
Os soes!
Rumor da sombra ideal de Deus!
Perturbação divina!
Alto rumor
Que me beijaste em pleno coração,
O qual em verso pobre e comovido,
Em troca, te quiz dar sua emoção,
A sua propria vida e proprio corpo...

1907.

INDICE

A uma arvore e a minha irmã Maria . . 5
Vento do Espirito 9
A sombra do Passado 13
A sombra do Tamega 37
A quéda 41
A sombra do Vento 43
Canção d'uma Sombra. 53
A minha sombra. 55
A sombra da Vida 61
A sombra do Luar 69
Os meus olhos e a pedra 79
Uma arvore e o sol 80
Uma gota de chuva 81
Os olhos dos animaes 82
Uma ave e o poeta 83
Boudha. 85
Marco Aurelio. 86
Frei João Bernardes. 87

S. Francisco de Assis 88
De noite 89
Adormecer 90
De manhã 91
A sombra de Eurídice 93
A sombra de Jesus 95
A sombra de Pan 96
A sombra da Dôr 97
Aparição 111
A sombra do Amôr 117
A sombra do que fui 127
Além Mundo 133
Sombras 143
A Sombra da Noite 149
Canção da Nevoa 155
A Sombra de Deus 157
A sombra do Homem 167
A ultima sombra 171

Tipografia "PORTO MEDICO,,
Pr. da Batalha, 12-A
PORTO